



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Espaço Andino:

Chipaya, uma lógica ancestral de conformação urbana

Julio Alejandro Bejarano Villarroel

BRASÍLIA - 2008

Julio Alejandro Bejarano Villarroel

Espaço Andino:
Chipaya, uma lógica ancestral de conformação urbana

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, dentro do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília

Orientador:
Prof. Dr. Antonio Carlos Cabral Carpintero

BRASÍLIA
2008

B423 Bejarano Villarroel, Julio Alejandro

Espaço andino: *Chipaya*, uma lógica ancestral de conformação urbana / Julio Alejandro Bejarano Villarroel / (orientador) Antonio Carlos Cabral Carpintero – Brasília: FAU / UnB, 2008.
65f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
- Universidade de Brasília.

1. Espaço urbano 2. Comunidade *Chipaya* 3. Cosmogonia andina.
I. Carpintero, Antonio Carlos Cabral II. Título.

CDU 711.4

Julio Alejandro Bejarano Villarroel

Espaço Andino:
***Chipaya*, uma lógica ancestral de conformação urbana**

Aprovada em 11 de agosto de 2008

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Cabral Carpintero
FAU – UnB. (Presidente)

Prof. Dr. Jaime Gonçalves de Almeida
FAU – UnB. (Membro interno)

Profª. Dra. Junia Marquez Caldeira
Universidade Paulista - UNIP. (Membro externo)

*Aos meus pais Alex e Nieves, em gratidão e reconhecimento pelo grande amor,
compreensão e apoio, em todos os momentos de minha existência.*

*A Cida, por mudar meu olhar para outros aspectos importantes da vida, que me
motivaram a alcançar mais uma meta.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Otto Ribas Toledo, por receber minha postulação e dar seu tempo e interesse, como primeiro orientador na fase inicial da pesquisa dentro do Programa de Pós-Graduação FAU-UnB.

Ao professor Antonio Carlos Cabral Carpintero, orientador e amigo, por sua grande paciência, dedicação e contribuição no processo de desenvolvimento deste trabalho dentro do Programa de Pós-Graduação FAU - UnB.

Aos colegas Helena Costa e Juan Carlos Guillén, pelo apoio de cada um, como amigos, nos tempos mais difíceis, motivando-me para que pudesse terminar este trabalho.

Aos meus pais Alex e Nieves, pelo apoio incondicional em todo momento e circunstância, ainda que a distância.

A Deus por sua ajuda e sustento, permitindo-me alcançar mais uma meta na vida, como prova de sua fidelidade para com aqueles que o temem e vivem de suas promessas.

*Em cada ser humano, em cada sociedade, em cada cultura há uma genuína
espiritualidade, uma sabedoria fecunda que nos empurra a viver e lutar por um mundo
mais justo e solidário...*

Quispe C. (2007)

RESUMO

Este estudo pretende levar o leitor a uma maior compreensão sobre o *Espaço Andino*. Em principal, observando as suas características particulares de estruturação espacial.

Neste sentido, a análise toma como objeto central a comunidade indígena *Chipaya*, localizada na região andina da Bolívia. Considerando que este povo antigamente ostentava traços próprios na *concepção, configuração e manejo de seu espaço*. E sendo, no transcorrer do tempo, influenciado por múltiplas adequações em seu esquema urbano e forma de vida, sobretudo a partir do período colonial espanhol.

Ainda hoje, se observa nesta comunidade uma essência importante na organização de seu espaço, dentro de uma visão de mundo andino que sempre foi refletida sobre esta região. Aspectos estes, que formam parte da análise que aborda o presente estudo.

Pretende-se, que este conhecimento possa levar o leitor a uma reflexão mais ampla sobre este tema, a partir da formação que compete, principalmente como arquitetos, urbanistas ou simples pessoas interessadas no problema. Estabelecendo entre eles um devido conhecimento e nisso o respeito ao pensamento e à forma de vida das comunidades indígenas nesta zona.

Palavras-chave: Espaço urbano, Comunidade *Chipaya*, Cosmogonia Andina.

RESUMEN

Este estudio pretende llevar al lector a una mayor comprensión sobre el *Espacio Andino*. Principalmente, observando sus características particulares de estructuración espacial.

En este sentido, el análisis toma como objeto central a la comunidad indígena *Chipaya*, localizada en la región andina de Bolivia. Considerando que este pueblo antiguamente ostentaba trazos propios en la *concepción, configuración y manejo de su espacio*. Siendo influenciado en el transcurrir del tiempo, por múltiples adecuaciones en su esquema urbano y forma de vida, sobre todo a partir del periodo colonial español.

Aun hoy, se observa en esta comunidad una esencia importante en la organización de su espacio, dentro de una visión de mundo andino que siempre fue reflejada sobre esta región. Aspectos estos, que forman parte del análisis que aborda el presente estudio.

Se pretende, que este conocimiento pueda llevar al lector a una reflexión más amplia sobre este tema, a partir de la formación que compete, principalmente como arquitectos, urbanistas o simples personas interesadas en este problema. Estableciendo en estos un debido conocimiento y en eso el respeto al pensamiento y la forma de vida de las comunidades indígenas en esta zona.

Palabras claves: Espacio urbano, Comunidad *Chipaya*, Cosmogonía Andina.

ABSTRACT

This study intends to lead the reader to a greater comprehension of the *Andean Space*. In principal, observing the main characteristics of spatial structuring.

In this sense, the analysis takes as central object the indigenous community *Chipaya*, located in the Andean region of Bolivia. Considering the fact that this people formerly held their own traces in the conception, configuration, and handling of their space. And, in the time passing, being influenced by multiple adequacies in its urban scheme and way of living, mostly from the Spanish colonial period.

Still today, an important essence in the organization of its space is observed in this community in a view of the Andean world that was always reflected on this region. These are the aspects that form part of the analysis that addresses the present study.

The intention of the study is that this knowledge should lead the reader, starting from our own knowledge, in special, as architects, urbanists or simple people interested in the problem, to a broader reflection of the theme. Setting among them the appropriate knowledge for the thought and the way of living of the indigenous communities in this zone.

Key words: Urban space, *Chipaya* community, Andean cosmogony.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Sistematização bibliográfica e temática do estudo.	3
Figura 2:	a.- Cadeias montanhosas da região andina; b.- Bacia hidrográfica andina. Fonte: Cultura boliviana, 2008.	8
Figura 3:	Bacia hidrográfica andina (ou eixo aquático andino) formada pelo lago <i>Titicaca</i> , o rio <i>Desaguadero</i> , os lagos <i>Uru-Uru</i> , <i>Poopó</i> <i>Coipasa</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 92.	9
Figura 4:	a.- Localização geográfica da América do Sul no meio continental; b.- Localização geográfica da Bolívia na América do Sul. Fonte: Wikipedia, Bolívia, 2008.	10
Figura 5:	a.- Localização geográfica do departamento de <i>Oruro</i> na Bolívia; b.- Mapa político do departamento de <i>Oruro</i> . Fonte: Wikipedia, departamento de <i>Oruro</i> , 2008.	13
Figura 6:	Ocupação territorial atual dos principais grupos indígenas no departamento de <i>Oruro</i> . Fonte: Pueblos Originarios, 2008.	14
Figura 7:	a.- Localização geográfica da província <i>Atahullapa</i> no departamento de <i>Oruro</i> ; b.- Mapa político da província <i>Atahuallpa</i> . Fonte: <i>Oruro</i> , província <i>Atahuallpa</i> , 2008.	15
Figura 8:	<i>Santa Ana de Chipaya</i> , centro urbano da comunidade <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 13.	16
Figura 9:	Algumas das atividades sociais <i>Chipayas</i> : a.- Mulheres na fera do povo; b.- Povoadores no dia da festa do povo. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 32 e 33.	17
Figura 10:	a.- Espaço <i>Chipaya</i> natural; b.- Espaço <i>Chipaya</i> construído. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 1.	18

Figura 11:	(1) Região do Pacífico chileno; (2) Região andina. Fonte: Google Earth, 2007.	19
Figura 12:	Relações étnicas dos diferentes grupos indígenas na região andina no período inicial, segundo Jose Maria Camacho. Fonte: Delgadillo, 1998, p. 19.	20
Figura 13:	Localização dos <i>Urus</i> no século XVI, segundo Wachtel. Fonte: Gisbert, 1988, p. 63.	21
Figura 14:	Território atual <i>Chipaya</i> , província <i>Atahullapa (Oruro)</i> . Fonte: Delgadillo, 1988, p. 32.	22
Figura 15:	Esquema de organização social andina e sua relação com seu espaço. Fonte: Gisbert, 1988, p. 61.	27
Figura 16:	(1) Extensão máxima do Vice-reinado do Peru; (2) Extensão final do Vice-reinado do Peru. Fonte: Virreinato del Peru, 2008.	30
Figura 17:	Esquema cronológico do estudo. Fonte: Gisbert, 1988.	31
Figura 18:	Configuração da Praça Maior, cidade de <i>La Plata</i> 1560 – 1630. Fonte: Zilbeti, 2002, p. 34.	34
Figura 19:	Esquema de subdivisão dos quarteirões, cidade de <i>La Plata</i> . Fonte: Zilbeti, 2002, p. 20.	35
Figura 20:	a.- Povoado indígena no período inicial de formação da cidade de <i>La Plata</i> ; b.- Esquema evolutivo urbano da cidade de <i>La Plata</i> , formação das primeiras paróquias 1540 - 1551. Fonte: Zilbeti, 2002, p. 9, 22.	37
Figura 21:	Esquema da cidade de espanhóis e os barrios de índios junto a suas paróquias. Interpretação de José de Meza y Teresa Gisbert sobre a cidade de <i>Potosí</i> . Fonte: Gisbert, 1988, p. 20.	38

Figura 22:	Esquema do povoado de índios, proposta por Juan Matienzo. Fonte: Gisbert 1988, p. 154.	39
Figura 23:	Representação do território <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 24.	42
Figura 24:	Fotografia panorâmica do povoado <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 34.	43
Figura 25:	a.- Tipologia de moradia rural <i>Chipaya</i> denominada <i>Phutuku</i> ; b.- Agrupamento de <i>Phutukus</i> na área rural <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 62, 122.	43
Figura 26:	a.- Tipologia de moradia do centro povoado <i>Chipaya</i> denominada <i>Wallichí Koya</i> ; b.- Construção de coberta na moradia <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 64, 68.	44
Figura 27:	Configuração urbana original <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 35.	44
Figura 28:	Esquema do povoado <i>Chipaya</i> , segundo De La Zerda. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 25.	45
Figura 29:	Esquema do povoado <i>Chipaya</i> e sua organização em parcialidades, segundo Metraux, 1935. Fonte: Gisbert, 1988, p. 131.	46
Figura 30:	Representação do dualismo <i>Aymara</i> , segundo Bouysse. Fonte: Gisbert, 1988, p. 55.	48
Figura 31:	a.- Representação da <i>quatri-partição Inca</i> , segundo Bouysse; b.- Representação da inserção do sistema <i>Aymara</i> dentro do sistema <i>Inca</i> , segundo Bouysse. Fonte: Gisbert, 1988, p. 55.	48
Figura 32:	Construções de silos ou monumentos religiosos no território <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 29.	49

Figura 33:	Cruz configurada por demarcações disposta linearmente no território <i>Chipaya</i> que haveria existido no passado, segundo Wachtel. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 28.	49
Figura 34:	Igreja e seu conjunto (<i>posas, oratórios e torre</i>). Fonte: De La Zerda, 1993, p. 38.	50
Figura 35:	Planta da igreja e seu conjunto, seus dois espaços principais. Fonte: Gisbert, 1988, p. 55.	51
Figura 36:	a.- Igreja e sua torre atual; b.- Localização da igreja na estrutura urbana atual <i>Chipaya</i> . Fonte: Google Earth, 2007.	51
Figura 37:	Paisagem urbana atual <i>Chipaya</i> . Fonte: De La Zerda, 1993, p. 32.	52
Figura 38:	Território atual <i>Chipaya</i> : área urbana e área rural. Fonte: Google Earth, 2007.	52
Figura 39:	a.- Área urbana atual <i>Chipaya</i> (<i>Santa Ana de Chipaya</i>); b.- Área rural atual <i>Chipaya</i> . Fonte: Google Earth, 2007.	53
Figura 40:	Características físicas relevantes do espaço <i>Chipaya</i> inicial.	54
Figura 41:	Características físicas relevantes do espaço <i>Chipaya</i> contemporâneo.	54
Figura 42:	Esquema conceptual da visão andina que influencia a comunidade <i>Chipaya</i> .	55
Figura 43:	Componentes que formam o espaço <i>Chipaya</i> .	56
Figura 44:	Elementos próprios da comunidade <i>Chipaya</i> : (a) <i>Wallichí Koya</i> e (b) <i>Phutuku</i> .	56
Figura 45:	Explicação gráfica do conceito andino <i>Taypi</i> , relacionado ao <i>espaço central</i> <i>Chipaya</i> .	57

Figura 46:	a.- Esquema bipartido <i>Chipaya</i> , segundo Metraux; b.- Povoado <i>Chipaya</i> atual e a sobreposição do esquema espacial proposto por Metraux. Fonte: Google Earth, 2007.	58
Figura 47:	Relações morfológicas urbanas entre o espaço <i>Chipaya</i> e espaço urbano espanhol.	58
Figura 48:	a.- Esquema concêntrico <i>Chipaya</i> , segundo De La Zerda; b.- Povoado <i>Chipaya</i> atual e a sobreposição do esquema espacial proposto por De La Zerda. Fonte: Google Earth, 2007.	59

LISTA DE SIGLAS

CEPA	<i>Centro de Ecología y Pueblos Andinos.</i>	48
CMI	<i>Confederación de Movimientos Indígenas.</i>	7
IIFA	<i>Instituto de Investigaciones de la Facultad de Arquitectura y Artes.</i>	4
UMSA	<i>Universidad Mayor de San Andrés.</i>	4
UNAM	<i>Universidad Autónoma de México.</i>	5

SUMARIO

RESUMO	vi
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	ix
LISTA DE SIGLAS	xiii
INTRODUÇÃO	1
Capítulo I: DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO E SEU CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO	7
1.1. Características geográficas da área de estudo	8
1.2. Primeiros habitantes do altiplano boliviano	18
1.3. Visão andina de mundo e a formação de seu espaço	23
Capítulo II: A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA E A FORMAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS	29
2.1. Antecedentes	30
2.2. Visão espanhola na formação de seus espaços na América	31
2.3. A cidade espanhola	33
2.4. Cidade sobreposta	36
2.5. As reduções	36

Capítulo III: FORMAÇÃO DO ESPAÇO <i>CHIPAYA</i>	41
3.1. Principais características da comunidade <i>Chipaya</i>	42
3.2. Concepção do espaço <i>Chipaya</i>	45
3.3. Influência cristã no período colonial	50
3.4. Espaço <i>Chipaya</i> atual, organização urbana e rural	52
CONCLUSÕES	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60



INTRODUÇÃO

Ao percorrer a Bolívia por seu extenso altiplano, visitando suas comunidades nativas dispersas, podemos apreciar formas de vida diferentes das habituais, principalmente na organização de seus espaços e na maneira de interagir com estes, dentro de uma lógica andina própria.

Neste processo, foram nascendo inquietações referentes a um conhecimento mais profundo sobre a visão que organiza esses espaços, o conceito que possuem e os elementos próprios que o constituem. Levando-se em consideração que esta região tem aspectos de organização diferentes dos comumente conhecidos dentro do meio rural boliviano.

Há algumas décadas passadas, chamou a atenção de entendidos nessa matéria que certas etnias andinas guardavam concepções tradicionais na organização de seus espaços, refletindo-se em cada uma delas sua organização social. As quais, antigamente, apresentavam tipos particulares de moradias, caracterizadas por volumes cônicos e simples, de base circular, que propiciavam formas interessantes de agrupamento e divisão de suas regiões, catalogadas, segundo alguns autores, como de *reminiscência pré-incaica*.

Dessas observações surge o problema, no sentido de buscar uma aproximação legítima na compreensão dessas percepções, referindo-se não somente a sua forma específica, mas também ao seu contexto, que o configura em sua verdadeira lógica. Com o objetivo de refletir sobre este tema, do ponto de vista de cada um, como arquitetos, urbanistas ou pessoas interessadas no assunto.

O estudo busca promover o respeito ao pensamento e forma de vida indígena, no intuito de contribuir de alguma forma para a preservação do que ainda resta destes meios, evitando alguns dos múltiplos problemas que rodeiam a região, como a migração campo-cidade, uma problemática social muito comum na área andina, que atinge em grande parte as suas principais cidades e povoações rurais.

Acreditamos que essa situação, em parte, deve-se à destruição dos espaços indígenas, principalmente das áreas de produção e moradia, motivada pela ignorância ou pela não compreensão do *pensamento tradicional* desses espaços, de sua *formação e manejo*, dentro das políticas de intervenção ao longo do tempo, levando a situações de desintegração social, perda de identidade e de valores culturais, extrema pobreza, etc.; e como consequência de tudo isso, a extinção destes grupos humanos e de seus espaços.

Por outro lado, nas cidades receptoras desses grupos migrantes, tem-se uma proliferação de áreas marginais, como cinturões de pobreza, e, junto a isso, males sociais conhecidos como a marginalidade, a criminalidade, o desemprego, os problemas habitacionais, etc.

Em consequência, o estudo estabelece como objetivo principal alcançar a compreensão das particularidades do *Espaço Andino*, conhecendo e analisando suas *lógicas de apropriação e formação espacial* a partir de seu processo urbano-colonial hispânico, considerando-se este como o período inicial das transformações do referido espaço.

Como objeto central da análise, toma-se a comunidade *Chipaya*, considerada como um dos grupos nativos mais importantes da zona andina pelas características milenárias que possui na organização de seu espaço, e que tratou de resguardar de alguma forma através do tempo. Atualmente, este grupo humano se localiza na zona andina boliviana, dentro do departamento de *Oruro*, na província *Atahuallpa*.

Como objetivos específicos do estudo se estabelecem: conhecer as características gerais da região andina boliviana para adentrarmos posteriormente no conhecimento da zona de estudo referente à comunidade *Chipaya*; compreender a visão de mundo dessa

região e sua relação com o pensamento da comunidade em análise; relacionar a influência do processo colonial espanhol dentro da área andina para; finalmente, conhecer e analisar as principais teorias sobre a estruturação espacial *Chipaya*.

Para este caso, definiu-se uma linha de pesquisa dentro da área *Urbana e histórica*, considerando outras áreas complementares como a antropológica, a filosófica e a social, todas relacionadas ao *espaço andino*. Essas linhas de conhecimento ajudaram na compreensão da *concepção, formação e manejo do espaço Chipaya*, dentro da visão de mundo andino e das influências sofridas a partir do período colonial espanhol.

O trabalho contou com um caráter *documental de análise* pela impossibilidade que se teve em chegar ao lugar do estudo, devido, sobretudo, ao excessivo cuidado que possuem os indígenas no resguardo de seu patrimônio arquitetônico e histórico, impedindo o acesso a pessoas estranhas em seu território, por causa dos danos cometidos por turistas e pesquisadores nacionais e estrangeiros nos últimos anos.

Apesar das restrições, foi encontrado um grupo de especialistas que trabalham na restauração do povoado, em coordenação com a prefeitura do departamento de *Oruro*, os quais foram fontes informativas importantes no processo da pesquisa.

A sistematização bibliográfica do estudo se baseou, principalmente, em documentos publicados por De La Zerda (1993) e Hennings (2007), a partir de uma perspectiva urbana ligada aos aspectos sociais e ao pensamento indígena da região. (Ver figura 1).

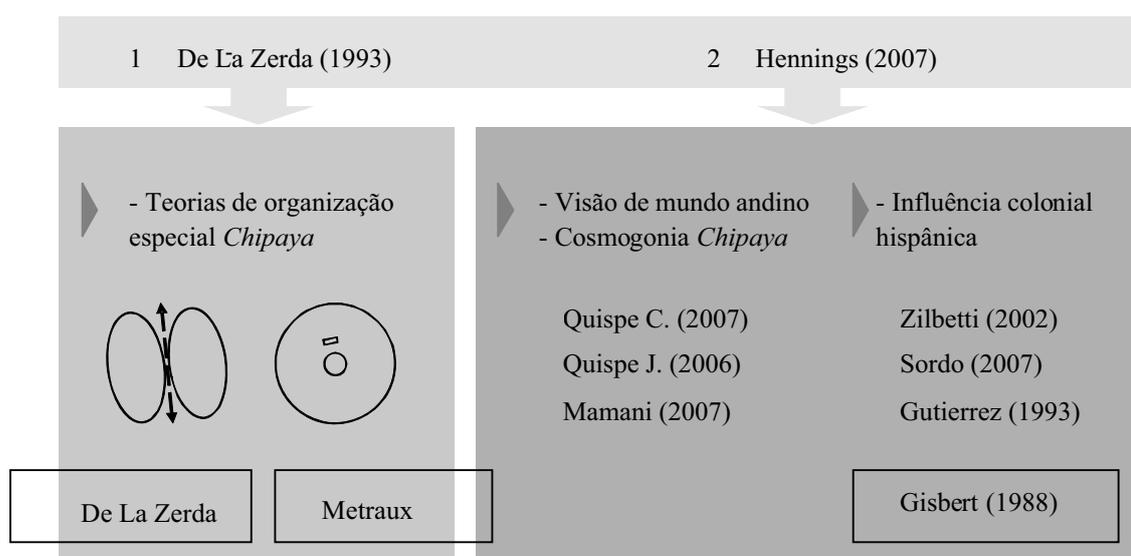


Figura 1: Sistematização bibliográfica e temática do estudo.

Considera-se que De La Zerda foi um dos primeiros autores a estabelecer uma compilação documental sobre o espaço *Chipaya* na *Universidad Mayor de San Andrés* (UMSSA), em La Paz, Bolívia, a partir de 1988, com o apoio técnico e financeiro da *Missão de Cooperação Técnica Holandesa*. Não existindo estudos que abordem este tema de forma integral até hoje. Sua temática surgiu como parte da necessidade de se conhecer e preservar tecnologias tradicionais dos distintos *pisos ecológicos*¹ do território boliviano, reunindo extensa bibliografia sobre o assunto.

Este tratamento se relaciona à linha de pesquisa do *Instituto de Investigaciones de la Facultad de Arquitectura y Artes* (IIFA), o qual teve que ampliar a abrangência de seu campo de conhecimento para outras áreas como a antropologia e a filosofia.

Na obra de De La Zerda: *Los Chipayas Modeladores del Espacio*, são apresentadas importantes contribuições, realizadas principalmente por Wachtel e Metraux, sobre algumas teorias de organização espacial de *Chipaya*.

A este respeito, o referido autor toma como fontes complementares relevantes entrevistas com autoridades indígenas, como Juan Condori, presidente da *Nación Uru*; e com membros da comunidade, tanto na área indígena quanto na cidade de La Paz.

Esse estudo define uma aproximação ao diagnóstico do período contemporâneo *Chipaya*, relacionando aspectos espaciais e sociais passados. Inicia-se com o resgate de características tecnológicas e construtivas de suas moradias e, mais a fundo, estudando teorias sobre a organização desse espaço em nível urbano e territorial.

A publicação resultante compreende sete capítulos, dos quais os três primeiros servem de base fundamental para esta pesquisa.

De La Zerda, neste sentido, traz para nosso estudo a observação do território e da estrutura espacial funcional e cultural; a formação do povo e de alguns fatos arquitetônicos do ponto de vista da utilização simbólica do espaço, assim como as características culturais e sua relação com os aspectos anteriormente mencionados.

Nossa análise também leva em conta algumas questões secundárias como: a técnica construtiva em um meio físico semi-desértico; a abordagem histórica desse grupo indígena;

¹ *Pisos ecológicos*, conceito relacionado à interrelação entre o meio ambiente e os seres vivos, tomando-se em conta a altitude do relevo como um de seus elementos principais.

a questão da sobrevivência em uma região inóspita; e algumas considerações para futuras intervenções nesse meio.

Deixam-se de lado os comentários relacionados às necessidades e carências materiais, tais como habitação, saúde, educação, etc., aspectos que De La Zerda aprofunda, mas não se relacionam diretamente com nosso tema de discussão.

Hennings, por sua parte, na *Universidad Autónoma de México* (UNAM), aborda a temática do espaço *Chipaya* baseada em De La Zerda. Mostrando uma perspectiva humana, a fim de sensibilizar ao leitor sobre uma realidade e, de certa forma, encontrar nesta o que a autora denomina como *o sentido da nossa existência*, como latino-americanos. Ressaltando o sentimento de apreço para com o povo *Chipaya*, além do respeito a sua identidade e cultura ancestral.

Assim, é estabelecida uma ampla explicação da arquitetura e do urbanismo indígena, com uma descrição de suas características morfológicas, construtivas e de organização espacial, oferecendo uma opinião diferente e mais sensível em comparação com o tratamento que De La Zerda exterioriza na sua obra.

Hennings aprofunda mais seu estudo em alguns aspectos como a forma de vida deste grupo étnico, seus costumes, suas tradições, seu pensamento, sua língua, etc. Descobrimos uma interessante riqueza e beleza dignas de serem preservadas e estudadas.

Destas observações, definimos temas complementares para a pesquisa, relacionando, por exemplo, o pensamento andino e sua ligação com os *Chipayas*. Isto leva a um aprofundamento maior nesta matéria, tomando como referências bibliográficas autores indígenas *Aymaras*, como Quispe J. (2006), Quispe C. (2007) e Mamani (2007).

Hennings também mostra outro aspecto importante em sua apreciação, referindo-se à influência colonial hispânica sobre o espaço *Chipaya*, tema do qual De La Zerda não trata com a amplitude desejada. Isto nos levou a indagar em obras de autores latino-americanos como Sordo (2007), Gutierrez (1993), Zilbetti (2002) e Gisbert (1988). Este último relaciona os aspectos mais gerais do processo urbano andino e seu contexto histórico, e faz uma ligação detalhada sobre o caso *Chipaya*.

Após esta revisão bibliográfica, o estudo fica, então, estruturado em três capítulos:

O capítulo 1 apresenta a descrição do marco geográfico geral andino e a área de estudo, o território *Chipaya*. Neste mesmo capítulo se descreve a origem étnica deste grupo

humano, seguido da apresentação de conceitos e características da visão de mundo andino em relação à formação e significado de seu espaço.

O capítulo 2 trata da análise da visão colonial hispânica para com o interior de suas concepções urbanas na região andina.

O capítulo 3, considerado como central dentro do estudo, aborda o conhecimento e a análise das principais lógicas de estruturação espacial *Chipaya* em relação a sua visão de mundo e à influência colonial hispânica.



Capítulo I: DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO E SEU CONTEXTO ETNO-HISTÓRICO

O presente capítulo inicia-se descrevendo o marco geográfico geral e específico da área de estudo, referido à região andina e à comunidade *Chipaya*, ressaltando seus principais aspectos físicos em cada nível geográfico. Assim, são apresentadas as principais teorias sobre o processo de assentamento humano nestes territórios.

Como segunda parte deste capítulo, o estudo pretende aproximar-nos a uma compreensão da visão do mundo andino e sua relação com o pensamento *Chipaya*, observando suas lógicas de concepção espacial, que a nosso juízo ajudará a uma compreensão plena do tema em análise. Para este fim, dá-se a conhecer critérios de autores *Aymaras*, como Quispe J. (2006), com formação em Teologia, Direito Constitucional e Educação Superior; Quispe C. (2007), com formação em Teologia, presidente da Comissão de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso da Diocese de *El Alto* de *La Paz* (Bolívia) e Mamami (2007), membro da *Confederación de Movimientos Indígenas (CMI) del Qollasuyu*, os quais apresentam pontos de vista importantes acerca do enfoque andino.

1.1. CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS DA ÁREA DE ESTUDO.

O marco geográfico geral do estudo situa-se na região andina da Bolívia, em meio a duas grandes cadeias montanhosas, a cordilheira Ocidental e a cordilheira Oriental ou Real. Entre essas duas ramificações de montanhas se encontra a elevada planície do altiplano andino com uma altitude média de 3.000 m. sobre o nível do mar e uma extensão estimada de 307.000 km², que abrange 28 % do território boliviano. (CULTURA BOLIVIANA, 2008). (Ver figura 2).

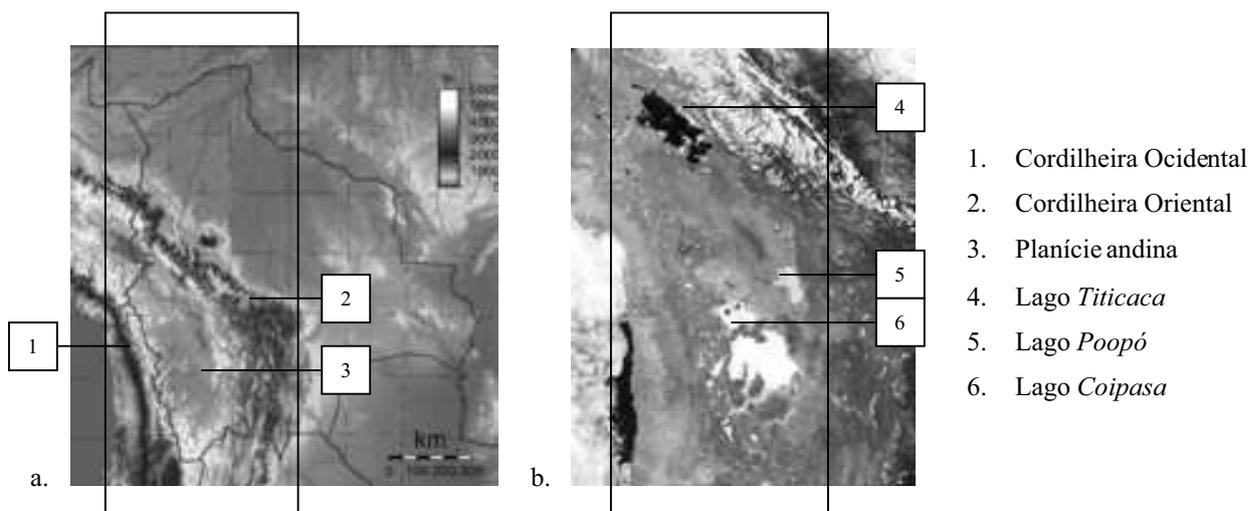


Figura 2: a.- Cadeias montanhosas da região andina; b.- Bacia hidrográfica andina. Fonte: Cultura boliviana, 2008.

Nesta região se encontra o sistema hidrográfico da *Vertente do Altiplano*, uma das três bacias hidrográficas mais importantes da Bolívia, que compreende todos os rios e corpos de água que se encontram no planalto. Este sistema, não deságua diretamente em nenhum oceano, por encontrar-se fechado dentro do maciço montanhoso andino que delimita esta região.

O rio mais importante desta bacia é o *Desaguadero*, sendo o maior dos rios do altiplano. Nasce no lago *Titicaca* e corre em direção Sudeste até sua desembocadura no lago *Poopó*. Os rios menores em tamanho são o *Lauca*, que se origina na lagoa *Cotacotani* no Chile, para logo se adentrar no território boliviano e desembocar na salina de *Coipasa*. Há também o *Laca Jahuira* proveniente do lago *Poopó*, que deságua no lago do mesmo nome, situado ao Norte da salina de *Coipasa*.

Os lagos dessa bacia geralmente são grandes, mas pouco profundos, com exceção do lago *Titicaca*. Encontrando-se nessa região quatro grandes lagos, com destaque para o

Titicaca, considerado o maior da Bolívia, que é compartilhado com o Peru. Os lagos menores em tamanho, mas não menos importantes são: O *Poopó*, que recebe aportes do lago *Titicaca*; o *Uru-Uru*, localizado ao Norte do lago *Poopó*, que se encontra vinculado a este e; por último, o lago *Coipasa*, situado dentro da salina de mesmo nome. (Ver figura 3).

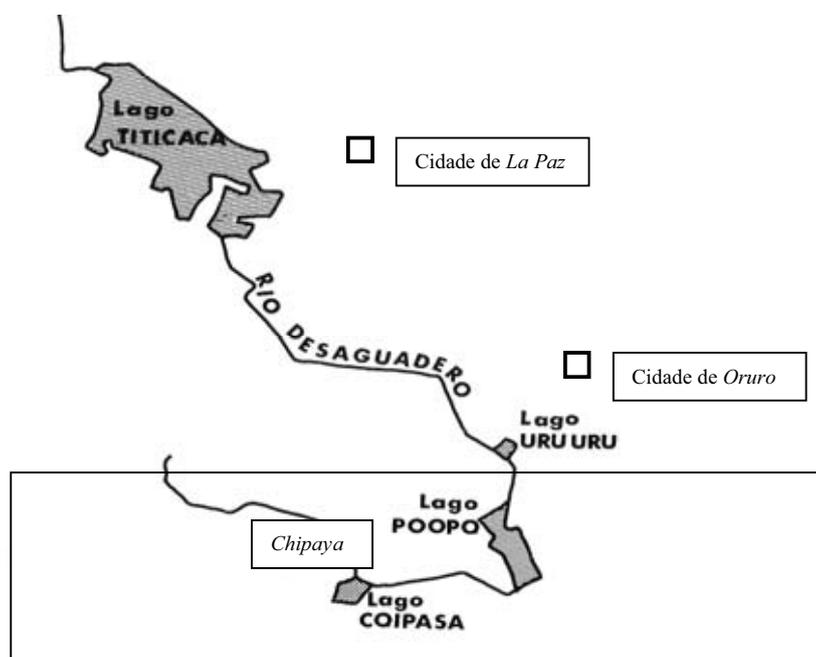


Figura 3: Bacia hidrográfica andina (ou eixo aquático andino) formada pelo lago *Titicaca*, o rio *Desaguadero*, os lagos *Uru-Uru*, *Poopó* e *Coipasa*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 92.

Nessa bacia também existem grandes salinas, a mais importante é a de *Uyuni* (ou *Tunupa*), sendo o maior deserto de sal do mundo, seguido em tamanho pela salina de *Coipasa*, rodeando ao lago do mesmo nome. (MONTECINOS, 1999, p. 7).

A presença do lago *Titicaca* nessa região determina uma variação na umidade e na temperatura, sendo mais úmido nas zonas Norte e Oeste que nas regiões Sul e Leste.

O altiplano andino, como se descreveu a princípio, é um planalto que se encontra a uma altura de mais de 3.000 m. sobre o nível do mar; em consequência, essa área tem uma baixa pressão atmosférica, portanto menos concentração de oxigênio. Seu clima é frio, estabelecendo grandes variações térmicas diárias de até 30° C, (- 5° C à noite e 25° C ao meio-dia).

A flora desta região é de característica desértica, apresentando plantas de folhas de reduzida superfície que evitam a grande perda de água. Em algumas destas espécies, as

folhas se transformaram em espinhos, possuindo uma casca grossa e cor amarelada, dando uma aparência de plantas secas. Nessa paisagem natural também existe a presença de arbustos pequenos e de profundas raízes.

No altiplano existem muitas espécies vegetais, mas há algumas que despertam maior interesse nos habitantes locais, já que são utilizados como combustíveis ou faz parte da alimentação diária. (CULTURA BOLIVIANA, 2008).

Seguidamente às descrições geomorfológicas e naturais da região andina, passamos a explicar a delimitação territorial da área de estudo, considerando para sua melhor compreensão, a descrição de três níveis geográficos: primeiramente, a nível nacional, a república da Bolívia; o segundo, regional, o departamento de *Oruro*; e o terceiro, a comunidade indígena *Chipaya*, objeto de estudo.

Bolívia

O território boliviano encontra-se localizado na região central da América do Sul, ao Oeste do Brasil, limitando-se ao Norte com o Brasil, ao Sul com a Argentina, ao Leste com Paraguai e Brasil e ao Oeste com Chile e Peru. (Ver figura 4).



Figura 4: a.- Localização geográfica da America do Sul no meio continental; b.- Localização geográfica da Bolívia na America do Sul. Fonte: Wikipedia, Bolívia, 2008.

A Bolívia, em seu período pré-hispânico, teve a formação de múltiplas culturas, algumas delas importantes ao nível do continente americano, principalmente dentro da zona dos Andes, destacando particularmente a cultura *Tiwanaku* e os reinos *Aymaras*, posteriores à expansão *Wari*, reinos que por sua vez foram anexados ao Império *Inca* no século XVIII.

A cultura *Tiwanaku* se desenvolveu em torno de um centro cerimonial do mesmo nome, próximo ao lago *Titicaca*. Sua fundação provavelmente se deu antes do ano 300 d. C. Posteriormente a este fato, a cultura *Inca* estabeleceu um vasto império no século XV, pouco antes da chegada dos espanhóis à América. Durante esse século, a Bolívia era ocupada por vários grupos humanos de língua *Aymara*: *Collas*, *Pacajaes*, *Lupacas* e *Omasuyos*. Entre eles se destacavam os *Collas*, os quais dominaram um vasto território e lutaram contra os *Quechua* de *Cuzco* pelo controle da região. Os *Collas* foram derrotados pelo *Inca Patchacute*, que se apoderou de quase todo o altiplano boliviano. (MONTECINOS, 1999, p. 22).

A Bolívia se constituiu, durante quase um século, em uma das quatro grandes divisões do *Tahuantinsuyo* (Império *Inca*) sob o nome de *Collasuyo*. Em consequência, estas antigas civilizações deixaram grandes monumentos arquitetônicos e, na atualidade, as línguas *Aymara* e *Quéchua*, muito difundidas nesse país.

O primeiro contingente espanhol de conquista chegou ao atual território boliviano sob o comando de Diego de Almagro em 1535, partindo de *Cuzco* com o fim de conquistar o Chile. Depois da morte de Almagro, Francisco Pizarro enviou seu irmão Gonzalo Pizarro para colonizar a província do *Collao* (*Collasuyo*). Nesse processo colonial, as principais cidades fundadas dentro da Bolívia foram: *Chuquisaca*, fundada em 1538; *Potosí*, em 1546; *La Paz*, em 1548 e *Cochabamba*, em 1574. Estas novas cidades se caracterizaram por apresentar uma base mineiro-agrícola.

A cidade de *Potosí*, a mais povoada da América em 1574, transformou-se em um grande centro mineiro pela exploração das minas de prata do *Cerro Rico de Potosí* em 1611, alcançando a marca de ser a maior produtora de prata do mundo, pelo qual se outorgou a esta cidade o título de *Villa Imperial* após sua fundação.

Nas últimas décadas do século XVIII, *Potosí* começou sua decadência, uma vez que a mineração da prata entrou em um estado de estancamento, causado pelo esgotamento das minerações e outras situações que incidiram dentro deste fato.

Posteriormente, chegando ao período da independência espanhola, as revoltas de *Chuquisaca* e *La Paz* foram o ponto de partida para a *Guerra da Independência*, declarando-se a Bolívia independente em 6 de Agosto de 1825, com o nome de *República de Bolívar*, em homenagem ao *Libertador Simón Bolívar*, nome que foi mudado posteriormente para *República da Bolívia*.

Dentro desse processo de consolidação da república, no ano de 1826, *Simón Bolívar* outorgou ao país a primeira constituição, que foi aprovada pelo *Congresso da Republica* na cidade de *Chuquisaca*, concedendo a presidência do novo país a *Antonio José de Sucre*, dando início, desta maneira, ao período republicano da Bolívia.

Atualmente a Bolívia possui um sistema político-administrativo de governo central, formado por um Presidente e um Vice-presidente da República, organizado em três poderes independentes: Executivo, Legislativo e Judiciário. No poder Executivo se encontram os governos departamentais e municipais, considerados como governos regionais subordinados ao poder central.

O território boliviano se divide em 9 departamentos², 112 províncias, 327 municípios e 1.384 cantões. Sua extensão territorial abrange uma superfície de 1.098.580 km². Os idiomas falados são o *Espanhol*, o *Quechua* e o *Aymara*, considerados como línguas oficiais.

A composição étnico-racial da população boliviana tem uma grande diversidade de culturas e origens étnicas, dentre os quais se podem mencionar os grupos ameríndios de origem *pré-incaico* e *incaico*, *Aymara* e *Quechua*-falante. Assim como outras comunidades indígenas do Norte e Oeste boliviano, principalmente *Guaranis* e *Mojeños*, localizados em grande parte destes, no departamento de *Santa Cruz*.

É necessário considerar que, produto dos fluxos migratórios internos ocorridos nas décadas passadas e recentes, encontrou-se importantes grupos de povoação com ascendência *Quechua* ou *Aymara* nas zonas rurais e cidades importantes dos departamentos *amazónicos* e *chaqueños* (*Santa Cruz* e *Tarija*). A maioria destes grupos ameríndios assimilou a cultura mestiça, diversificando e expandindo suas raízes ancestrais. Conseqüentemente, a cultura popular da Bolívia contemporânea se tornou uma mistura de culturas que une aspectos de origem hispânicos com ameríndios.

Outro importante componente da população boliviana são os *mestiços* (ou *criollos*), mistura de ameríndios e europeus, que estão distribuídos por todo o país. Dessa forma, também há, em menor porcentagem, os *brancos* (*criollos* e europeus), que se encontram concentrados principalmente nas cidades de *Santa Cruz*, *Tarija*, *Cochabamba* e *Sucre*. Ainda se pode afirmar que em todo o território nota-se a presença de imigrantes e

² Os 9 departamentos da Bolívia são: *Beni*, *Chuquisaca*, *Cochabamba*, *La Paz*, *Oruro*, *Pando*, *Potosí*, *Santa Cruz* e *Tarija*.

descendentes de imigrantes. Neste sentido, a Bolívia apresenta uma relação étnica proporcional de 30 % *Quéchua*, 30 % mestiços (ameríndios e brancos), 25 % *Aymara* e 15 % brancos. (CULTURA BOLIVIANA, 2008).

A economia boliviana, no passado, baseou-se principalmente na exploração mineira do estanho, prata e outros minerais. Atualmente sua fonte de renda principal é a indústria petrolífera e de gás natural, assim como a agropecuária, grãos e têxteis.

Oruro

O departamento de *Oruro* está localizado dentro da região centro-ocidental da Bolívia. Limita-se ao Norte com o departamento de *La Paz*, ao Sul com *Potosí*, ao Leste com *Potosí* y *Cochabamba* e ao Oeste com a República do Chile. (GUERRA 1190, P.53). (Ver figura 5).

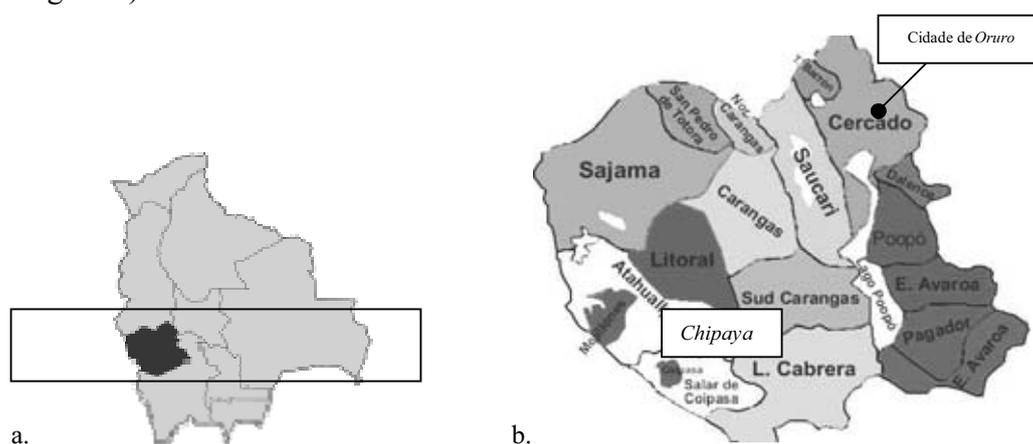


Figura 5: a.- Localização geográfica do departamento de *Oruro* na Bolívia; b.- Mapa político do departamento de *Oruro*. Fonte: Wikipedia, departamento de *Oruro*, 2008.

A cidade de *Oruro* (capital do departamento do mesmo nome) foi fundada em 1º de novembro de 1606 pelo Ouvidor da Real Audiência de *Charcas*, *Manoel de Castro de Castillo y Padilla*, como um centro de minério de prata na região dos *Urus*. Chamou-se *Villa de San Felipe de Áustria* em honra ao Rei da Espanha, Felipe III.

A *Villa* foi desenhada segundo as *Leis de Índias*, com seu traçado urbano estruturado por quarteirões, respeitando os sistemas urbanos espanhóis para suas colônias daquela época. No tempo de sua fundação, contava com 15.000 habitantes entre mineiros espanhóis, *criollos*³, negros e indígenas das etnias *Uru*, *Quechua* e *Aymara*.

³ *Criollo* (ou mestiço), mistura de ameríndio e europeu.

O departamento de *Oruro* é considerado, desde a colônia, um importante centro mineiro com vasta produção de estanho, chumbo, antimônio e prata. Nos últimos anos, enfrentou a baixa dos preços dos minerais a nível internacional, o que condicionou seu desenvolvimento negativamente até hoje.

Esta região possui um governo departamental estruturado por um Prefeito e governos municipais com seus respectivos *Alcaldes* em cada província. Seu território se subdivide em 16 províncias⁴ e 119 cantões.

A extensão territorial deste departamento abrange um total de 53.588 km², dos quais aproximadamente 38.000 km² correspondem ao território *Aymara*, 15.000 ao *Quechua* e o restante aos grupos *Urus*, como *Capillu*, *Chipaya* e outros. (Ver figura 6). Os idiomas mais usados nesta região são o Espanhol, o *Quechua* e o *Aymara*. (GUERRA, 1990, p. 55).

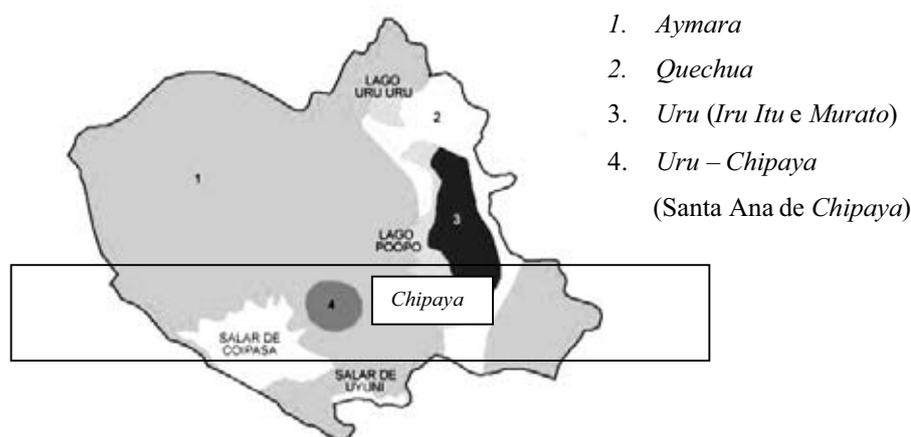


Figura 6: Ocupação territorial atual dos principais grupos indígenas no departamento de *Oruro*. Fonte: Pueblos Originarios, 2008.

Sua economia, mineira numa primeira etapa de sua história, baseou-se na exploração da mina de estanho *La Salvadora*, que foi a fonte produtora mais importante desse mineral no mundo. Gradualmente, esse recurso se esgotou e *Oruro* entrou em decadência econômica.

Essa região, sem uma fonte produtiva estável, hoje promove o turismo como principal fonte de renda. Seu carnaval é considerado um dos maiores eventos folclóricos na

⁴ As 16 províncias do departamento de *Oruro* são: *Atahuallpa*, *Carangas*, *Cercado*, *Eduardo Avaroa*, *Ladislao Cabrera*, *Litoral*, *Porto de Mejilhões*, *Nor Carangas*, *Pantaleón Dalence*, *Poopó*, *Sajama*, *San Pedro de Totora*, *Saucarí*, *Sebastian Pegador*, *Sud Carangas* e *Tomas Barrón*.

América do Sul, além de possuir variados sítios arqueológicos. Acrescenta-se que este departamento tem uma economia informal de contrabando de produtos estrangeiros, que são introduzidos na Bolívia por meio dos portos do Norte de Chile, aproveitando sua extensa fronteira com esta região.

Chipaya

A comunidade *Chipaya* encontra-se localizada no departamento de *Oruro*, na província *Atahuallpa*, ao Ocidente da cidade de *Oruro*, próxima à salina de *Coipasa*, às margens do rio *Lauca*.

Atualmente seu território se limita ao Norte com o *ayllu Kollana* da província *Litoral*; ao Sul, com o lago *Coipasa* e parte do cantão *Concepcion de Belém*, da província *Ladislao Cabrera*; ao Leste, limita-se com *Jannila* da província *Ladislao Cabrera* e *Colchamarca* da Província de *Carangas* e parte do anexo *Pinha-Pinhani*; ao Oeste, com *Villque Litoral* e parte da Nova Espanha da província *Atahuallpa*. (MONTESINOS, 1999, p. 1). (Ver figura 7).

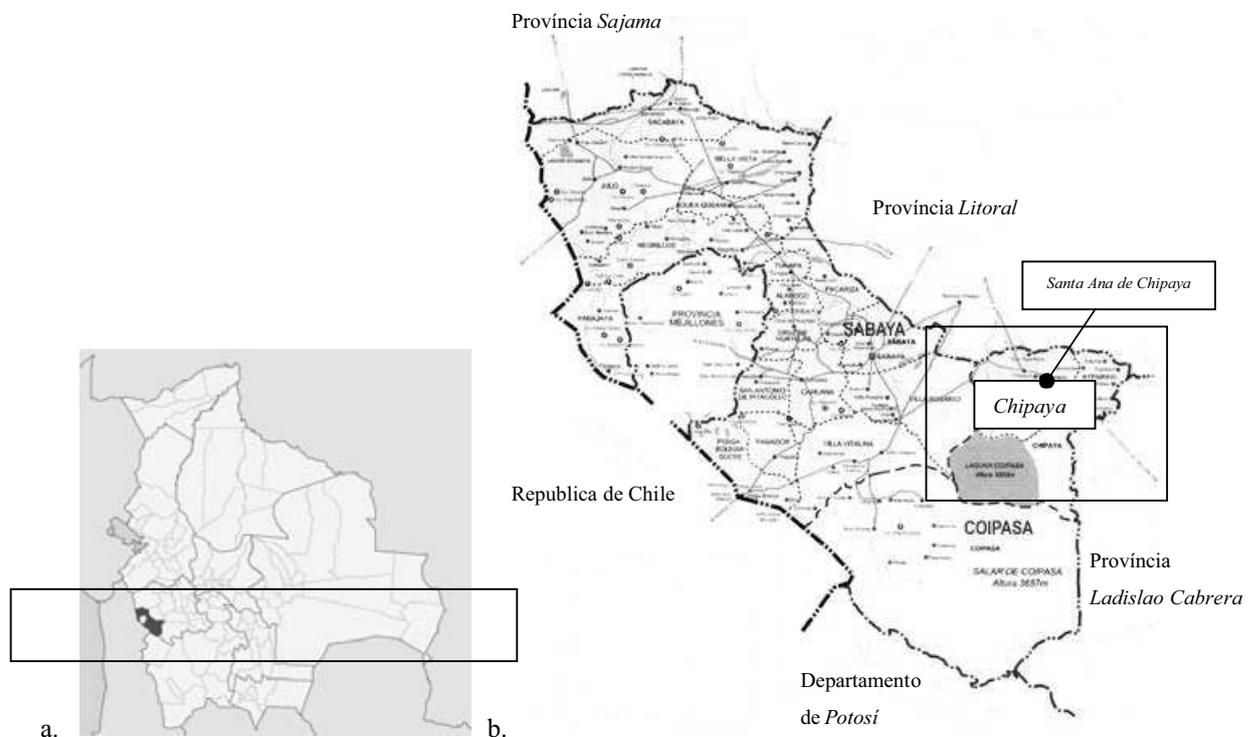


Figura 7: a.- Localização geográfica da província *Atahuallpa* no departamento de *Oruro*; b.- Mapa político da província *Atahuallpa*. Fonte: *Oruro*, província *Atahuallpa*, 2008.

Os *Chipayas* pertencem à cultura *Uru-Chipaya*, cujas origens se remontam aproximadamente há 2.500 anos a. C., sendo considerada a etnia mais antiga da América.

A organização administrativa *Chipaya*, como em todo povo do altiplano boliviano, baseia-se em uma administração ancestral e autóctone, relacionada ao sistema político-administrativo do governo central.

Os *Jilakatas*, os *Alcaldes de campo* e os *Alcaldes* da comunidade, correspondem a uma organização antepassada, encarregados de uma determinada comunidade. O *Jilakata* é considerado também como o pai deste grupo social, junto com a Junta de Maiores ou Conselho de Anciãos, tem o poder de intervir nos problemas particulares de cada indivíduo da coletividade.

Por outro lado, as autoridades político-administrativas são aquelas designadas pelo governo central, constituídas por Corregedor, Agente Municipal, Oficial do Registro Civil e pelos Juízes Paroquiais, todos estes administrando a justiça dentro do marco da legislação nacional boliviana. (DELGADILLO, 1998, p. 56, 57).

A comunidade *Chipaya* é composta por dois cantões: *Santa Ana de Chipaya*, criado por lei em 1948 e *Ayparavi*, desprendida do *ayllu*⁵ *Tuanta*, criada por lei no ano de 1959.

Santa Ana de Chipaya é atualmente o centro urbano da comunidade *Chipaya* e, ao mesmo tempo, capital da Terceira Seção Municipal da província *Atahuallpa*, formada pelos cantões *Ayparavi* e *Vistrullani* e os *ayllus* *Tajata* e *Tuanta*. (Ver figura 8).



Figura 8: *Santa Ana de Chipaya*, centro urbano da comunidade *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 13.

⁵ *Ayllu* se refere basicamente a um agrupamento humano indígena. Seu significado abrange e enlaça o social e o território. Este conceito, juntamente com outros relacionados, será detalhado no desenvolvimento deste capítulo.

O território *Chipaya* inclui os cantões *Chipaya* e *Ayparavi*, sua extensão é de 229 km². Sua população, em conformidade com o censo efetuado no ano de 1976, alcança 882 habitantes, dos quais correspondem a 466 homens e 416 mulheres. Apesar desses dados oficiais, as autoridades destas comunidades, tomando em conta seus registros para a cessão de terrenos de cultivo, dão um número de 1.295 habitantes em relação ao ano de 1981 (referência mais recente). (DELGADILLO, 1998, p. 35 - 40).

Os idiomas que freqüentemente se praticam nesta região estabelecem certa diferenciação entre homens e mulheres. Os homens são trilingües, falando os idiomas *Uru*, *Aymara* e *Espanhol*, as mulheres geralmente usam sua língua materna, o *Aymara*.

Entre outras condutas sociais próprias deste grupo humano, ressaltam-se o *Ayni* e o *Ayllu*, compreendidos como princípios básicos de comportamento e organização social, respectivamente, que se refletem na concepção e organização de seu território. (Ver figura 9).



Figura 9: Algumas das atividades sociais *Chipayas*: a.- Mulheres na fera do povo; b.- Povoadores no dia da festa do povo. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 32 e 33.

No que se refere às formas de subsistência desta comunidade, distinguem-se atividades como a semeadura, colheita, confecção de tecidos e outras secundárias, como a caça e a pesca. Dentro destas atividades, um aspecto interessante a ressaltar é o manejo comunitário de suas terras, que constituem uma visão de *comunismo agrário*, em que compartilham as terras de pastoreio e cultivo. Costume possivelmente herdado de épocas primitivas, não existindo nessa organização social terrenos de pastoreio como propriedade privada, porque todos corresponderiam à comunidade ou *ayllu*. (DELGADILLO, 1998, p. 57).

Essa região mostra-se carente de vegetação, somente a umidade produzida pelo rio *Lauca* permite o fomento de algumas atividades agrícolas. Nesse sentido, os *Chipayas* transformaram seu território, inundando grandes extensões de sua região, conduzindo a água através de canais artificiais que eles mesmos construíram.

O clima neste território é frio, principalmente na época de inverno, registrando-se temperaturas que baixam a - 14° C. por estar constantemente castigada por ventos e geadas em grande parte do ano. (Ver figura 10).

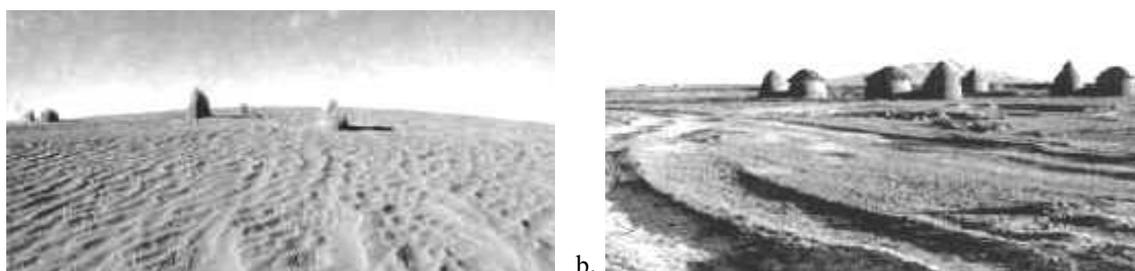


Figura 10: a.- Espaço *Chipaya* natural; b.- Espaço *Chipaya* construído. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 1.

Nesta paisagem imponente existem, até hoje, construções interessantes, próprias da comunidade *Chipaya*, que à mínima vista se confundem com o grande altiplano arenoso, seja por suas características morfológicas, seja pelo uso de materiais construtivos naturais (terra e vegetais). Por outra parte, estas edificações definem também agrupamentos que se organizam dentro de seu território, de acordo com uma lógica particular indígena, interpretada atualmente com distintos raciocínios, que constituem o tema principal deste estudo. (MONTECINOS, 199, p. 7).

1.2. PRIMEIROS HABITANTES DO ALTIPLANO BOLIVIANO

A hipótese de Paul Rivet, citado por Guerra, sobre o processo de assentamento humano na América, supõe que o habitante mais antigo da região alcançaria uma média de 4.500 anos (de acordo com análises de laboratório realizadas em fósseis humanos pré-históricos, encontradas na zona costeira do Chile), estabelecendo a possibilidade de que os primeiros habitantes do altiplano boliviano poderiam ter chegado à região procedentes da costa do Pacífico, buscando lugares mais propícios para sua subsistência. (GUERRA, 1990, p. 60).

Dentro dessa corrente teórica de assentamentos humanos na região andina, Guerra (1990) explica que os antigos habitantes desta zona não foram precisamente de origem *Arawak*, como comumente se compreendia, mas podia-se pensar na possibilidade de sucessivas ondas migratórias *Urus*, que podem ter chegado a esta região provenientes da faixa do litoral chileno, próximo ao Oceano Pacífico. Consideração que conta com testemunhos vivos, baseados no intercâmbio sanguíneo praticado pelos *Uru-Chipayas* do Sudeste do departamento de *Oruro* com os *Changos* ou outros grupos ainda não identificados da costa chilena. (Ver figura 11).

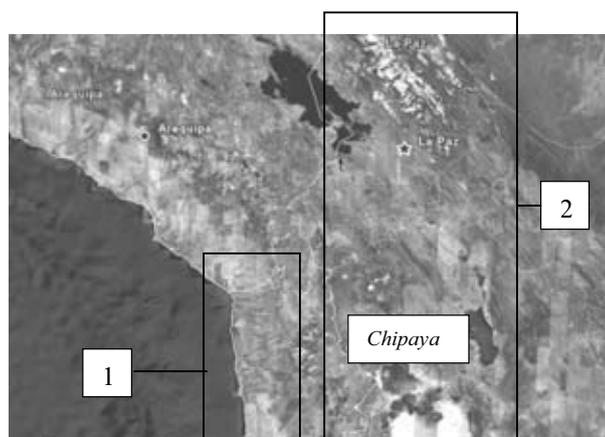


Figura 11: (1) Região do Pacífico chileno; (2) Região andina. Fonte: Google Earth, 2007.

Sob este enfoque, têm-se também teorias complementares de outros autores que afirmam que os *Urus* são anteriores às civilizações *Aymara* e *Quéchuas*, nisto Troll, em De La Zerda, afirma que:

Os resultados das explorações arqueológicas estão aparentemente de acordo em que, sob o altiplano e serra da Bolívia e do Peru, passaram três povos que sucessivamente se apoderaram da terra e impuseram sua civilização. Essas três raças, autoras de três grandes ondas culturais são os *Uru-puquina*, os *Aymaras* e os *Quéchuas*. (DE LA ZERDA, 1993, p. 91).

Acrescenta-se, também, que os *Urus* depois de criar uma civilização original, foram pressionados e progressivamente desalojados pela segunda onda constituída pelos *Aymaras*, e esta, a sua vez, pelos *Quéchuas*. (*idem*, p. 91).

1.2.1. Origem étnica e ocupação do território *Uru-Chipaya*

No processo de ocupação territorial *Uru-Chipaya*, Delgadillo (1998) explica que no antigo território de *Ururu*, atualmente o departamento de *Oruro*, desde tempos remotos habitaram três grupos étnicos de origem *Uru*, constituídos pelos grupos *Uru-Muratos*, *Uru-Capillus* e *Uru-Chipayas*. Estes, de acordo a versão do autor, não eram de raças distintas, *mas componentes da mesma raça*.

Nessa perspectiva, Camacho, citado por Delgadillo, acrescenta ao estudo um esquema de classificação e vinculação dos diferentes grupos humanos que se assentaram na região, naquela época. (DELGADILLO, 1998, p. 19). (Ver figura 12).

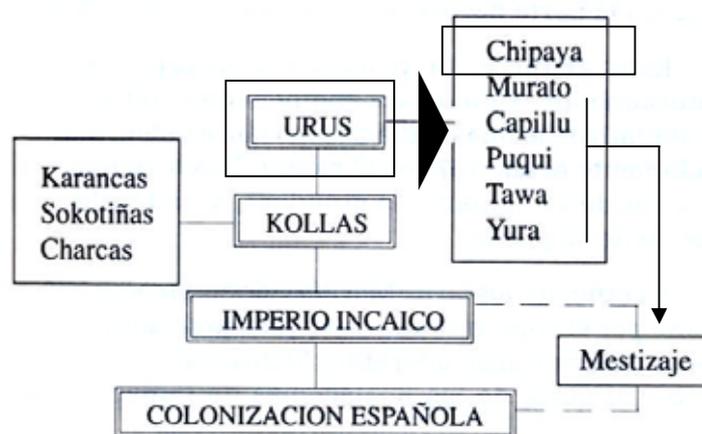


Figura 12: Relações étnicas dos diferentes grupos indígenas na região andina no período inicial, segundo Jose Maria Camacho. Fonte: Delgadillo, 1998, p. 19.

Seguidamente aos antecedentes expostos, apresenta-se o estudo realizado por Gutiérrez sobre *Chipaya*, que descreve duas correntes de assentamentos humanos dentro do atual território *orureño*. Segundo esta tese, esta região foi habitada, em princípio, pelos *Urus* e posteriormente pelos *Collas*. Isto se devia possivelmente ao fato de que os *Urus* foram submetidos e assimilados em grande número pelos *Collas*. (GUTIERREZ 1993, p. 33).

Em conseqüência, os *Urus*, vencidos, tiveram que optar por dois caminhos: a procura de lugares suficientemente distantes para poder escapar do domínio *Colla* ou a mistura com os *Aymaras*, como segundo grupo dominante da zona.

Por sua parte, De La Zerda amplia esta explicação dizendo que uma boa parte dos *Urus* tendeu a desaparecer por mecanismos de adequação e adaptação ao domínio *Aymara*, devido ao processo de sedentarização que favoreceu a mistura e a perda de sua identidade. Não acontecendo isso com os *Chipayas*, que eram de origem *Uru*, mas estes se constituíram como grupo independente que posteriormente também se sedentarizou, mantendo sua identidade, organização e cultura, ainda com o assédio *Aymara* quase permanente.

Em relação a esses acontecimentos, De La Zerda define dois lapsos de tempo importantes no processo de consolidação do assentamento territorial *Chipaya*. Nisto, faz referência à segunda metade do século XVII (Ver figura 13), onde cerca de 300 *Urus* se encontravam assentados às margens do lago *Coipasa*, vivendo da pesca, caça e cultivo de alimentos.



Figura 13: Localização dos *Urus* no século XVI, segundo Wachtel. Fonte: Gisbert, 1988, p. 63.

Posteriormente, quase no final do século XX, acontece o que assinala o autor como a *longa luta de emancipação da opressão Aymara*, que representou a consolidação do território *Chipaya*, ocupando integralmente toda a extensão da atual salina de *Coipasa* e grande parte dos rios *Laka Jahuira*, *Barras*, *Lauca* e *Todos Santos*. Fato compreendido também por Wachtel, em De La Zerda, como o início da *história contemporânea* deste grupo indígena (ano de 1920). (DE LA ZERDA 1993, P.93). (Ver figura 14).

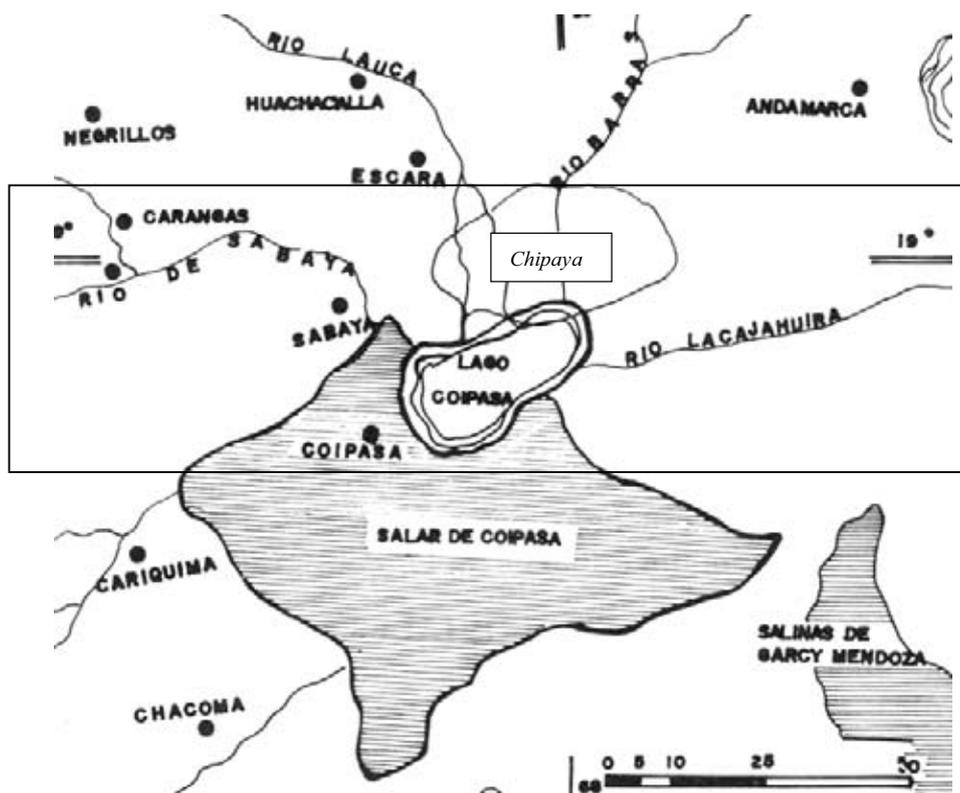


Figura 14: Território atual *Chipaya*, província *Atahullapa* (*Oruro*). Fonte: Delgadillo, 1988, p. 32.

Com a conquista da *revolução agrícola* dentro deste período, os *Chipayas* tiveram a possibilidade de desenvolver a produção agrícola nesse território, incorporando técnicas de irrigação por meio da construção de canais de água, aspecto de vital importância para uma nova atividade dentro do altiplano frio e desértico.

Na atualidade, segundo De La Zerda, os *Chipayas* são o maior grupo *Uru* sobrevivente, por seu número, organização e dinâmica, possuindo um território próprio e uma organização social sólida. O que não ocorre com os outros grupos de origem *Uru*, que no presente se encontram em um processo de perda de identidade.

1.3. VISÃO ANDINA DE MUNDO E A FORMAÇÃO DE SEU ESPAÇO

Para compreender esta parte do tema, referido às lógicas que concebem o *Espaço Andino*, é preciso partir da compreensão do significado que encerra a *cosmo-visão* ou a visão de mundo dessa região, estabelecendo os princípios básicos que a formam e o contexto que a influencia.

Neste sentido, podemos entender que a *cosmo-visão* é a concepção e imagem do mundo dos povos, mediante ao qual percebem e interpretam seu *entorno natural e cultural*.

Esta consideração se refere, de maneira mais ampla, à visão que cada cultura tem sobre sua realidade e de acordo com o que ela vive, observando e deixando de ver determinados aspectos.

Estas concepções que estes grupos humanos têm do mundo se desenvolveram através de um prolongado processo de relações entre *etnias* e o *mundo natural*, que lhes serve de sustento para sua sobrevivência e reprodução, considerando que cada etnia e o meio natural que habitam têm características que as diferenciam umas de outras. Neste sentido, os resultados destas relações são também diferentes, caracterizando cada cultura e comunidade. (QUISPE J, 2006, p. 6).

Sobre esta idéia, explica-se *que para os andinos o mundo é um conjunto vivo, que não compreende as partes separadas do todo*, considerando-se o *todo* como um conjunto formado por partes. De tal maneira que qualquer acontecimento é compreendido dentro dos demais, onde cada parte reflete o *todo*.

Esta *totalidade* é formada pelo conjunto natural pluri-ecológico, constituído pelo solo, clima, água, animais, plantas e toda a paisagem em geral; pela comunidade humana multi-étnica que compreende os diferentes povos que vivem nos Andes; e pela comunidade de deuses terrestres e espirituais a quem se lhes reconhece o caráter de *entidades sagradas* ou *Huacas*, no sentido de ter-lhes maior respeito, por ter vivido e visto muito mais, por ter acompanhado a seus ancestrais no passado, que os acompanham no presente e acompanharão também aos filhos de seus filhos no futuro.

Dentro desta perspectiva de mundo indígena, destaca-se a relação que estas comunidades andinas possuem entre elas, através de um contínuo e ativo diálogo, reciprocidade e efetiva redistribuição. Compreendem que cada comunidade é equivalente a qualquer outra, onde todas têm o mesmo valor, nenhuma vale mais e, portanto, todas são

importantes, merecendo respeito e consideração. Na concepção andina, isso se expressa quando se reconhece que *tudo é sagrado*. (QUISPE C, 2007, p. 41).

Estes raciocínios que se apresentam dentro da *cosmo-visão andina* são fundamentados na *cosmogonia*, que é a fase mitológica da explicação do mundo e se organiza na *cosmologia*, que é a lógica mediante a qual se estabelece a sintaxe do pensamento.

Dentro da *cosmogonia*, Hennings explica que há uma crença em deuses complementares entre si, os *Mallkus* (masculinos) e *T'allas* (femininos), que intervêm em todo tipo de ritos e acompanham a maior parte das atividades comunitárias. Estes deuses são geralmente elementos da natureza que lhes oferecem sua generosidade.

No caso *Chipaya*, estas deidades estão representadas pelo rio *Lauca*, a *Pachamama* ou Mãe Terra, as montanhas do *Sajama*, a torre *Mallku* (representada pela torre da igreja) e outros *Mallkus* de cada *ayllu*, considerando a estes como personagens sagrados, representados por pequenos monumentos ou montículos de pedra distribuídos no território.

Hennings também observa que em todas as atividades da comunidade, desde a construção de uma moradia, a mudança de estação, a semeadura, etc. vão sempre acompanhadas por uma série de rituais específicos. Segundo a tradição indígena, deixar de lado um destes ritos poderia predizer conseqüências negativas para o indígena ou sua comunidade. Assim, também, dentro destas crenças e práticas, ressalta-se a importância da veneração a seus mortos. (HENNING 2007).

Por outra parte, a *cosmologia* andina, compreendida como sintaxe do pensamento dessa região, permite relacionar crenças ou visões míticas com critérios de *ordem geométricas* dentro do seu espaço, como conceitos de ordenamento urbano e territorial. Um exemplo claro sobre isto é o caso *Chipaya*, que mostra uma noção de *dualidade* refletida em seu espaço, que segundo alguns autores é uma herança *Aymara*, (aspecto que se abordará com mais detalhe no capítulo III).

A dualidade, segundo Milla Z., sintetiza-se no termo *Hanan-Urin*, entendido como *Acima-Abaixo*, expressa dois pólos da unidade em um sentido geral. Como princípio lógico de toda dualidade, esta se ordena em *pares opostos* e em *pares complementares*, gerados a partir de uma *estrutura espacial inicial* ou *principal*.

Para a explicação deste caso, o autor cita um exemplo interessante, referindo-se à composição geométrica de um quadrado, ressaltando nele seu ordenamento em pares perpendiculares e diagonais, formando figuras de cruzeiros nos dois casos.

Sobre este exemplo, Milla Z. manifesta que a *complementaridade pertence a uma ordem integradora, é o equilíbrio natural entre os pólos da unidade ou as partes componentes do todo*. (MILLA Z, 1990, p. 48).

1.3.1. Semântica sociológica andina

Milla C. entende que as normas básicas de comportamento social das comunidades andinas atuais podem relacionar-se com os antigos valores da cultura *Hamautica* ou de *Sábios Andinos*, ainda vigentes em alguns grupos indígenas dessa região, cujo objetivo era achar o equilíbrio social, no sentido de obter uma qualidade de vida melhor para todos e para cada um de seus membros.

Dentro desta visão, o autor faz referência aos *valores culturais milenares* como elementos de *equilíbrio* de uma comunidade, dando a conhecer os mais importantes como o prestígio, a reciprocidade, a morte, a festa, o *ayni*, o *taypi*, etc., dos quais para o presente caso nos interessa conhecer somente aqueles relacionados ao *espaço*, adentrando-nos à compreensão do significado dos dois últimos, o *ayni* e o *taypi*.

O *Ayni* representa o princípio fundamental da ligação social das comunidades indígenas andinas. Em consequência, o *Ayni* é definido por Milla C. como *a energia espiritual que conecta a toda a comunidade humana*.

A compreensão da lei do *ayni* é muito particular, pois funciona de tal modo que, se *A* ajuda, colabora ou comparte com *B*, este não está necessariamente obrigado a ser recíproco com o primeiro, mas pode assim fazê-lo com um terceiro *C* e, assim, sucessivamente. Sobre isto, especifica-se que *a relação de reciprocidade não é entre duas pessoas, sim entre a comunidade com cada um de seus membros*. (MILLA C, 1997, p. 174).

O *Taypi* é definido por Milla C. como *o centro do centro, o umbigo, o lugar dado para que possam conviver as diferenças*. Nisto, enfatiza-se que esta noção, não se refere especificamente ao centro do círculo, senão ao ponto de cruzamento de duas diagonais contrapostas. O autor relaciona simbolicamente esta idéia com o *tempo mítico original*, compreendido também como o *gênesis bíblico* ou início da criação, onde se diz que

surgirão os elementos que depois serão complementares, alcançando a unidade na diversidade.

Este conceito se fundamenta na interação e complementação das parcialidades ou partes separadas que compõem um conjunto, (relacionadas à dualidade vista anteriormente), aplicáveis neste caso ao espaço. Neste conceito, assinala-se também que as partes separadas se localizam de formas opostas, mas ao mesmo tempo são harmonizadas pelo conceito que expressa o *Taypi* (centro, umbigo ou lugar de convivência).

As parcialidades ou partes separadas que compõem este conjunto, *desligadas não são força nem energia*. Como o caso do homem e da mulher, que menciona Milla C., separados não teria sentido sua existência para a vida, nem cumpririam as leis de reciprocidade e complementaridade, em outras palavras *estariam desarmonizados*. (MILLA C., 1997, p. 177).

1.3.2. Lógicas de organização do espaço andino

Para uma melhor compreensão sobre as lógicas que organizam o *Espaço Andino* começamos conhecendo os dois componentes básicos que o constituem. O *ayllu*, como primeiro elemento básico, que ao agrupar se constitui em uma comunidade ou grupo social, que necessariamente deverá ter um assentamento físico dentro de um determinado *território*, que seria o segundo elemento que completa esta ilustração.

O *ayllu*, segundo Mamani, é uma forma de organização social que responde fundamentalmente ao território andino, cuja estrutura busca a unidade dos diferentes grupos humanos existentes nestes âmbitos, que no passado compreendiam toda a região de *Tawantinsuyu* ou território *Inca*, e que atualmente abrange a todos os países da região andina, como Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru.

A organização do *ayllu* *corresponde* a uma relação étnica e de parentesco social, deste modo, dentro do território andino, os *ayllus* se formam de acordo com as agrupações familiares, que de certa forma correspondem às necessidades de cada grupo. Por isso, o *ayllu* também é compreendido como a maneira de organizar as relações de parentesco dos seres que compartilham a vida.

Cada *ayllu* tem uma forma de vida particular, com a solidariedade como única base comum nas múltiplas formas de expressão, de acordo com cada situação, constituindo-se

em um espaço de convivência recíproca, de diálogo e inter-relação entre distintos *ayllus*, tendo sempre presente o sentido de *solidariedade, integração e construção comunitária*. (MAMANI, 2007).

Tristan Platt, em Gisbert, explica mais sobre esta noção, estabelecendo níveis de organização social, tomando como base a família, sobre a qual se constroem outros níveis sociais maiores como, o *ayllu* menor ou *ayllu* propriamente dito, o *ayllu* maior ou parcialidade e o *ayllu* máximo ou etnia. (GISBERT, 1988, p. 61). (Ver figura 15).

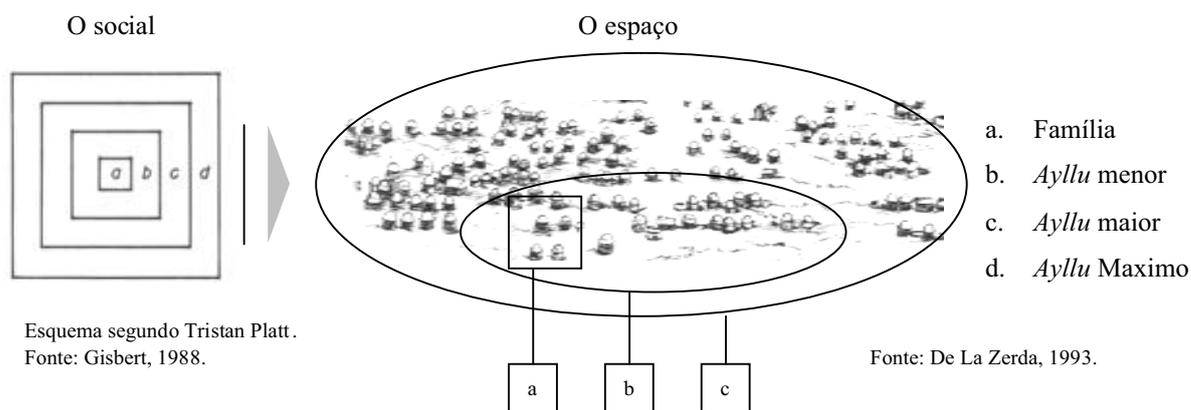


Figura 15: Esquema de organização social andina e sua relação com seu espaço. Fonte: Gisbert, 1988, p. 61.

O Território é compreendido por Mamani como o *espaço de habitat de um determinado grupo social*. Deve-se esclarecer sobre isto que, não necessariamente, deverá considerar-se somente o espaço geográfico ou físico, mas também o espaço cultural, ritual, lingüístico, entre outros, que de alguma forma constituem o lugar de construção social e de identidade.

O território é considerado também como *uma necessidade primordial para que um determinado grupo humano possa se desenvolver como tal, sem o qual não alcançaria se estabelecer e se identificar ante os demais*. Nesta idéia, também se compreende que o território é um *elemento fundamental para o desenvolvimento de uma cultura*.

No mundo andino se observa uma particularidade interessante, *o território não é possuído pelo grupo, mas é utilizado por ele*. Assim, as delimitações geográficas no território não têm limites definidos em fronteiras, por que são flutuantes e não rígidos. (MAMANI 2007).

Ao finalizar este primeiro capítulo, compreendemos que o *Espaço Andino* é o reflexo do pensamento indígena desta região, baseado principalmente no conceito do *ayllu*, compreendido como uma agrupação social nativa, que influi de forma acentuada na organização deste espaço, fazendo com que este seja particular e ao mesmo tempo complexo em sua compreensão.

O social no mundo andino, ao ligar-se com seu espaço, define uma identidade exclusiva de cada comunidade, principalmente na configuração e forma de apropriação de seu território, como no caso *Chipaya*. Matéria a ser analisada mais profundamente nos próximos capítulos, relacionando estes aspectos com a influência colonial espanhola, que complementarmente a observação para nos levar a uma melhor interpretação da temática em estudo.



Capítulo II: A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA E A FORMAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS

Este segundo capítulo pretende adentrar ao estudo, buscando conhecer os aspectos gerais que influenciaram na concepção e formação espacial do período colonial espanhol na América do Sul. Observando a perspectiva histórica e urbana de Sordo (2007), Gutiérrez (1993), Zilbetti (2002) e Gisbert (1988), que coincidem em uma análise sobre as causas e efeitos deste processo dentro do antigo Vice-reinado do Peru e a influência de tais fatos sobre os povoados indígenas da região do altiplano boliviano. (Ver figura 16).

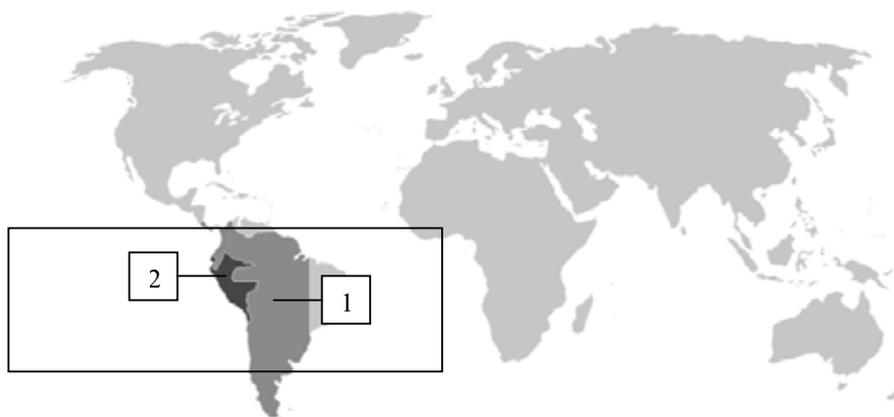


Figura 16: (1) Extensão máxima do Vice-reinado do Peru; (2) Extensão final do Vice-reinado do Peru.
Fonte: Virreinato del Peru, 2008.

2.1. ANTECEDENTES

O processo de colonização espanhol no continente americano foi realizado em uma época em que não tinha sido desenvolvido o moderno conceito de estado ou estado nacional, mas que existia o sistema absolutista monárquico, no qual era o Rei quem exercia o governo sobre um território e uma população, por direito divino. Neste sentido, a viagem de Cristóvão Colombo foi realizada às ordens dos Reis Católicos e não do Reino da Espanha; e as terras que foram ocupadas pelos descobridores, foram em nome da Coroa Espanhola e não do Estado Espanhol. Considerando que as terras descobertas formavam um reino independente daquele que os Reis Católicos e seus sucessores exerciam na Espanha, o reino do território americano foi denominado *Reino de Índias*.

Pelo fato de os Reis morarem na Espanha, pela distância e pelas escassas possibilidades que se tinha nessa época para as comunicações com a América, tiveram a necessidade de designar autoridades que, vivendo nas colônias, exercessem o governo imediato em seu nome e, à medida que as colônias desenvolviam, foram adquirindo os caracteres próprios de uma organização institucional e administrativa apta para governar a vida política e econômica desses assentamentos. (ZILBETI, 2002, p. 10, 13).

Neste processo de colonização americana se distinguiram três fases importantes:

A primeira, de 1492 até 1518, na qual se continuou a exploração geográfica e o reconhecimento dos territórios e suas populações, formando-se os primeiros assentamentos coloniais e a adaptação dos colonizadores frente às novas condições de vida.

A segunda, no período de 1519 a 1573, logo após a conquista das grandes civilizações pré-colombianas do México e Peru, começou a organizar-se sociedades que constituíram verdadeiras colônias. Nos lugares em que existiam aquelas civilizações, as suplantaram com as instituições civis e culturais espanholas, especialmente mediante o trabalho de evangelização que substituiu a religião indígena, e em certa forma a assimilou, mediante a implantação de cultos cristãos. É a partir desta fase que se inicia a análise do presente estudo. (Ver figura 17).

A terceira, de 1574 até o período da independência colonial da América, trata-se de uma fase em que as colônias já estabelecidas se desenvolviam por si próprias, orientando a exploração dos recursos destas regiões. (GISBERT, 1988).

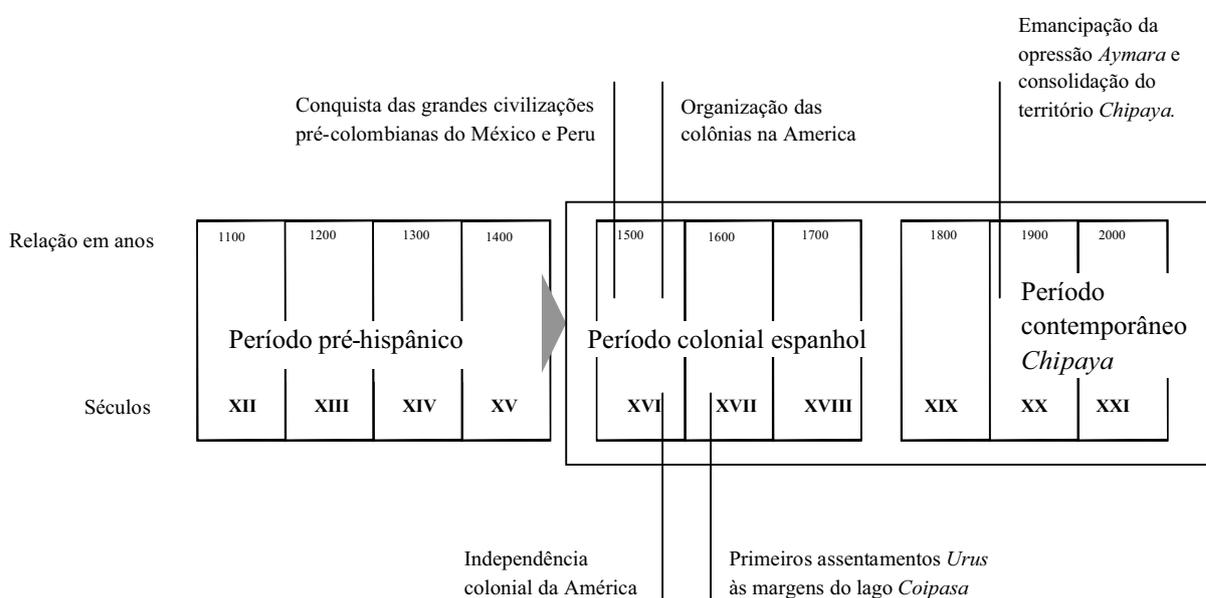


Figura 17: Esquema cronológico do estudo. Fonte: Gisbert, 1988.

2.2. VISÃO ESPANHOLA NA FORMAÇÃO DE SEUS ESPAÇOS NA AMÉRICA

Dentro do plano de conquista e colonização do território americano, a cidade cumpria um papel chave como elemento essencial da colonização. As novas povoações fundadas pelos espanhóis desempenhavam uma variedade de funções como: bases de aprovisionamento, fortalezas para penetrações mais profundas no território, centros administrativos locais e regionais, assim como elementos de subordinação e controle da população indígena, entre outras. (ZILBETI, 2002, p. 12).

Todas essas funções descritas poderiam ser qualificadas como reflexo de uma visão colonial aplicada na América desde o período do descobrimento do Novo Mundo até sua independência (século XIX), dentro de um papel que tinha a cidade no processo de conquista e a ocupação de territórios de maneira planejada.

Neste contexto, a ocupação do continente americano por parte dos hispânicos pode ser compreendida como um fenômeno geopolítico, posto que se fundamentava em um interesse de expansão e incorporação do novo território ao Império Espanhol. Nesta lógica, a Coroa assumiu razões estratégicas no plano político e econômico, bem como no religioso e cultural.

Neste período, os centros urbanos hispano-americanos foram planejados em resposta à necessidade estratégica de concentrar seus insuficientes recursos humanos numa área limitada e, portanto, protegida militarmente. Da mesma forma, observa-se que a cidade não surgia para servir, mas sim para dominar, razão pela qual os espanhóis saíam de forma agressiva para conquistar, controlar e doutrinar as populações circunvizinhas.

A criação das cidades e sua administração posterior estavam sujeitas às disposições reais procedentes da Espanha, que foram conhecidas como *Leis de Índias*. (ZILBETI, 2002, p. 11).

Dentro deste contexto, comenta-se que o fato de maior interesse dos centros urbanos espanhóis correspondia à concepção de um modelo de cidade ou *cidade tipo* para a América hispânica, condicionada pelas referidas leis. Para este efeito, em 1573, Felipe II promulgou um decreto real conhecido como *Ordenação de População*, pelo qual deviam reger-se a criação e o planejamento físico dos novos povoados em todas as colônias. Estas regras não se cumpriram estritamente neste processo, de tal modo que as múltiplas aplicações apresentaram variações.

O significado das normas ditadas e suas aplicações leva a entender que as fundações dos novos assentamentos urbanos correspondiam a duas principais funções: um papel em si mesmo, como núcleo fundamental de concentração da população, compreendido também, como centros urbanos que concentravam o governo da região próxima à qual influenciavam, administrando justiça e atuando como unidades de difusão da religião católica e da cultura européia; e um papel estratégico, compreendendo a cidade como uma unidade produtora e de presença em um marco de colonização e de conquista.

Estas características influenciaram de maneira direta na localização dos assentamentos em primeira instância, tendo em vista que a localização era fortemente determinada por questões econômicas e político-militares.

A este respeito, existem observações na aplicação destas disposições, as quais apresentavam dois aspectos negativos: primeiramente se entendia que sua base conceitual era imprópria por se estabelecer como uma reconstrução de um modelo fora de escala em muitos lugares e circunstâncias; por outro lado, a planificação aplicada, concebida na Espanha, era inadequada às condições reais dos diferentes lugares, que não contemplavam o terreno, a tradição cultural ou outras situações específicas nos diferentes períodos e povos colonizados.

Sob estas considerações, Zilbeti manifesta que os assentamentos americanos tiveram uma visão preponderantemente colonizadora, uma vez que as cidades constituíram-se como o centro de controle de um território mais amplo e não buscando atrair para elas as fontes econômicas de uma região. Por tal razão, diz-se que as fundações espanholas podem ser entendidas, em seu início, como uma ferramenta da *colonização e conquista*. (ZILBETI, 2002, p. 11).

Estes assentamentos coloniais implantaram sistemas urbanos completos, bem elaborados, aplicados praticamente em todas as principais cidades fundadas no princípio do período imperial. Nisto se explica que, desde o ponto de vista social, na América Latina, naquela época, existiam dois mundos: as cidades novas, projetadas exclusivamente para os descendentes europeus ou *cidades espanholas* e os *bairros de índios*, os quais forneceram a mão de obra necessária para tarefas domésticas. (GISBERT, 1988, p. 118).

2.3. A CIDADE ESPANHOLA

Segundo Gutiérrez, a cidade espanhola é compreendida como a formação de um processo de síntese onde interagiam teorias urbanas renascentistas e experiências de fundações ibéricas e americanas, contexto no qual a cidade hispano-americana foi-se configurando dentro de um processo de *ensaio-erro-correção*, distinguindo-se dois fatos característicos neste período: o primeiro, referente aos constantes traslados de povoação e o segundo, à formação de uma normativa dentro das *Ordenações de População* de Felipe II. Este último, como marco conceitual de domínio sobre os territórios ocupados, porém não

como modelo físico concreto, ainda que muitos de seus conteúdos fossem levados à prática. (GUTIERREZ, 1993, p. 12).

Dentro das teorias renascentistas que influenciaram este período, tinha-se o *sistema em xadrez*, próprio da civilização greco-romana, que os espanhóis impuseram em todas as suas novas fundações, tanto nas cidades como na área rural, estruturando nestes espaços um sistema urbano quadriculado em grelha, composta por quarteirões.

Por sua parte, Zilbeti comenta sobre este período, indicando que o urbanismo colonial espanhol inicial demonstrava um *alto grau de racionalidade e planificação*. O autor contribui ao estudo, apresentando uma descrição dos principais componentes urbanos que fazia referência às *Ordenações de Povoação* naquela época, distinguindo-se dentre estas:

A Praça Maior, denominada também como *praça de armas*, que era o elemento estruturante do urbanismo hispânico, compreendido também como o *centro cívico e simbólico* de hegemonia, era a síntese da representação dos poderes político, econômico, militar e religioso. Nesse aspecto, indica-se que toda cidade se organizava a partir deste componente urbano básico. (Ver figura 18).

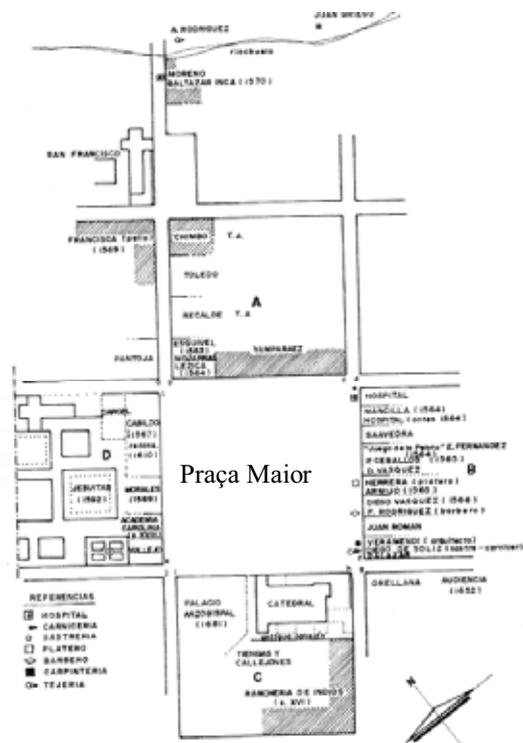


Figura 18: Configuração da Praça Maior, cidade de *La Plata* 1560 – 1630. Fonte: Zilbeti, 2002, p. 34.

As ruas e a arquitetura, diz-se que a maior parte das cidades hispano-americanas foram traçadas a *corda e régua*, este componente se referia aos centros urbanos com traçados geométricos, dentro dos quais as ruas eram retas que se cruzavam ortogonalmente, formando uma grade em ângulos de 90°, o que dava a característica de grelha. Por outro lado, indica-se que a arquitetura colonial era construída sobre os perfis das ruas, gerando-se entre as fachadas um espaço semelhante a um canal.

Os quarteirões, tratava-se de um modelo de cidade trazido pelos espanhóis, que incluía uma forma típica de parcelamento e que considerava dividir os quarteirões em quatro partes iguais. Estes módulos urbanos foram concebidos com um comprimento de 100 m. ou mais de cada lado, o que definia uma superfície de aproximadamente 10.000 m². (Ver figura 19).

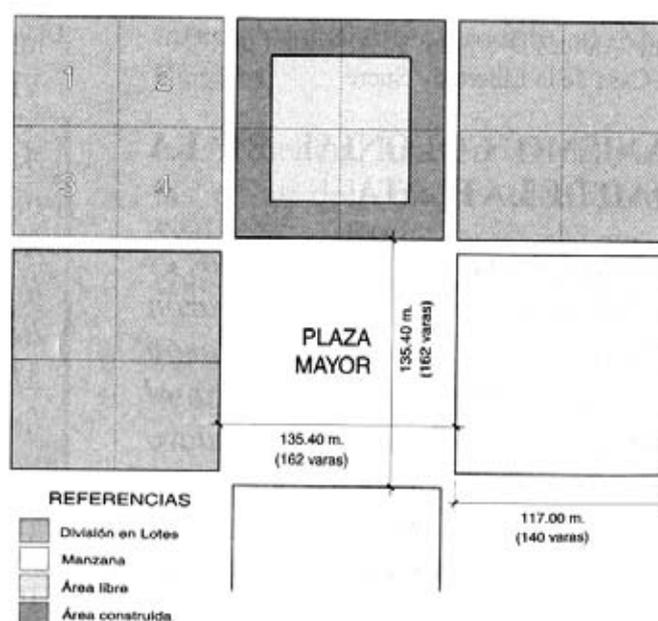


Figura 19: Esquema de subdivisão dos quarteirões, cidade de *La Plata*. Fonte: Zilbeti, 2002, p. 20.

Praças e pracinhas, consideradas muito importantes na configuração e hierarquização da arquitetura colonial, além de constituir espaços para o lazer, o trabalho e as celebrações religiosas, as praças e pracinhas permitiram que as igrejas tivessem maior realce e presença dentro de seu meio urbano, de tal modo que cada igreja possuía sua própria praça. (ZILBETI, 2002, p. 15, 16).

2.4. CIDADE SOBREPOSTA

Segundo Gutiérrez, uma das características mais visíveis de modificação dos modelos normativos ibéricos nas novas cidades foi aquela em que o modelo da cidade trazida da Espanha teve que se formar sobre um antigo assentamento indígena. Desta forma, a reorganização do espaço, a configuração de setores urbanos, a definição de usos funcionais e, inclusive, as propostas arquitetônicas espanholas, apareceram claramente condicionadas por estruturas espaciais anteriormente existentes. Ficando nestes espaços formas de vida indígena que caracterizaram a estas novas cidades, diferentemente de outras cidades.

Nesta superposição, o padrão se adaptava à organização de espaços já existentes e suas transformações se limitavam somente a certas possibilidades de implantação sobre os espaços originais. Estes fatos demonstravam que o espanhol teve que se adequar à formação de um esquema urbano diferente, sobre uma organização física já determinada. (GUTIERREZ, 1993, p. 14).

2.5. AS REDUÇÕES.

Segundo Gutiérrez, as reduções vieram a ser modelos de assentamento que destruíam as antigas modalidades de ocupação territorial, agrupamento de moradias e áreas de produção indígena, que estabeleceram uma forma imposta de reorganização territorial. Isso afetou não só o desenho urbano, mas também o meio rural, terras de comunidade e antigas formas de relação social.

Alguns autores coincidem na idéia de que as reduções foram um instrumento de organização administrativo-colonial para exercer um controle mais efetivo sobre a população indígena e assim consolidar a conquista do território andino. Nisto, Gutiérrez acrescenta que essas formas de estruturação do espaço constituíram o sistema de maior impacto na planificação das povoações indígenas por parte dos espanhóis, os quais trataram de congregar e converter a um controle político, econômico e religioso os grandes grupos nativos dispersos (principalmente *Aymaras* e *Quéchuas* entre outros).

Cabe observar que, a grande mobilidade da povoação indígena neste tempo, foi um dos maiores fatores desestruturantes, afetando as comunidades originárias e causando múltiplos efeitos psicológicos e sociais, que iam desde a elevada mortalidade ao que Gutierrez denomina como *debilidade vital*, devido à íntima relação que estes tinham com

sua terra, lugares de moradia e cultivo, assim como ao seu grupo étnico ou de parentesco. Este fato converteu-se em um verdadeiro flagelo para estas comunidades.

Nisso, vemos também que os espanhóis, para castigar revoltas indígenas, geraram verdadeiros exílios, trasladando nativos a outros lugares distantes dentro das colônias.

Assim, o tema de fundo sobre a organização das reduções foi a *desordem*, acima de tudo, provocada pela distribuição indiscriminada de nativos dentro do sistema espanhol.

Este argumento estava relacionado, também, com a problemática do domínio da escala territorial, que possuía o indígena e que não manejava o espanhol, cuja experiência provinha de ocupações de alta densidade, com extensões de terra de cultivo próximas ao povoado principal.

Em conseqüência, estabeleceu-se uma premissa básica, fundada na reorganização destes espaços, na busca de um melhor controle da população ativa e de suas terras de trabalho pelas autoridades coloniais. Este fato levou à necessidade de se congregarem estes grupos dispersos em cidades-capital. Condição que estabeleceu a estas organizações espaciais e que também vieram a ser uma forma de prover mão de obra às cidades espanholas. (GUTIERREZ, 1993, p. 22, 23). (Ver figura 20).

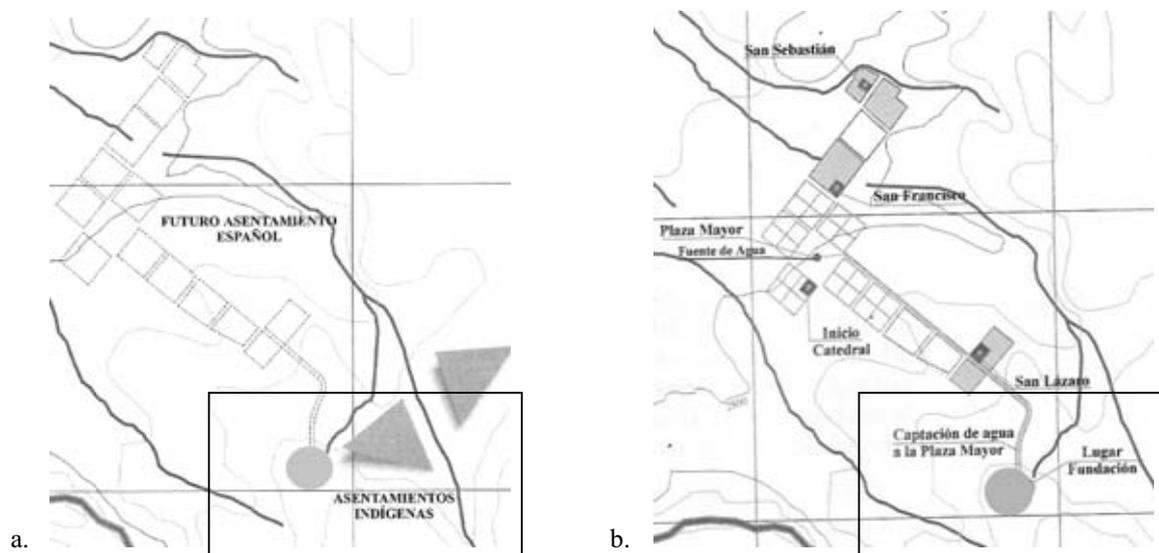


Figura 20: a.- Povoado indígena no período inicial de formação da cidade de *La Plata*; b.- Esquema evolutivo urbano da cidade de *La Plata*, formação das primeiras paróquias 1540 - 1551. Fonte: Zilbeti, 2002, p. 9, 22.

Como resultado destas adequações urbanas, constituiu-se dentro delas uma clara diferenciação de áreas *centrais e periféricas*.

Sobre estas novas formações de povoados, Gutiérrez comenta que na região andina o centro urbano espanhol surgia rodeado de bairros indígenas com suas respectivas paróquias, e em cada uma delas suas autoridades (ou caciques), que tinham a faculdade de congregar cada um destes às suas respectivas agrupações sociais.

Nestes bairros indígenas, era freqüente um traçado que não seguia a quadriculada espanhola. Sobre estes casos o autor faz referencia às cidades de *Potosí, Oruro e La Paz*, na Bolívia, onde estes bairros apareciam de forma desordenada, rodeando um núcleo espanhol de traçado regular. (GUTIERREZ, 1993, p. 24). (Ver figura 21).

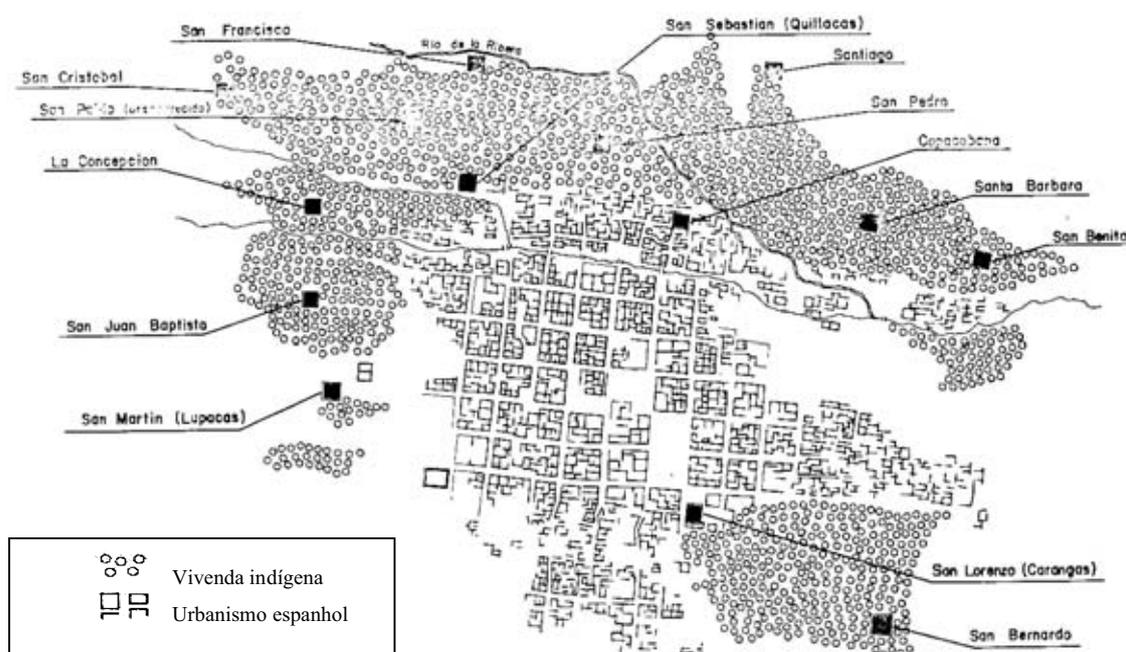


Figura 21: Esquema da cidade de espanhóis e os barrios de índios junto a suas paróquias. Interpretação de José de Meza y Teresa Gisbert sobre a cidade de *Potosí*. Fonte: Gisbert, 1988, p. 20.

Foi neste processo urbano colonial que Juan de Matienzo, em sua obra de 1567, no Vice-reinado do Peru, formulou uma política de conversão ao cristianismo própria, baseada em um plano denominado *nova ordem*. Para isto, esboçou um esquema das novas povoações, incorporando neste traçado edificações próximas dentro de uma área de uso compartilhado, tanto para os hispânicos como para os indígenas, neste caso o *Cabildo* e o Conselho de Anciãos ou *Tucuirico*.

Matienzo, citado por Gisbert, argumentava que ao índio, para se converter ao cristianismo, era necessário que vivesse em povoados para, assim, civilizar-se. Pensava também que tais índios podiam ser aproveitados, tanto no *espiritual* como no *temporal*.

Dentro desta lógica, sua proposta urbana definia a *praça* como elemento gerador, localizando-se nela a igreja, que ocupava um quarteirão, e a residência do *Padre*, que integrava a metade de outro. Ressaltando-se desta maneira o caráter evangelizador deste esquema, mediante a concessão do espaço urbano à função religiosa.

A casa do Conselho ou *Cabildo*, junto ao curral, totalizava meio quarteirão. Por outro lado, o cárcere junto à casa do *Corregidor* e o Conselho de Anciãos constituíam um quarteirão.

Uma construção importante dentro desse planejamento era a casa do Hospital, que completava o quarteirão da casa do Conselho, sua localização central podia compreender-se pela importância deste recinto dentro de uma política de saúde pública. (Ver figura 22).

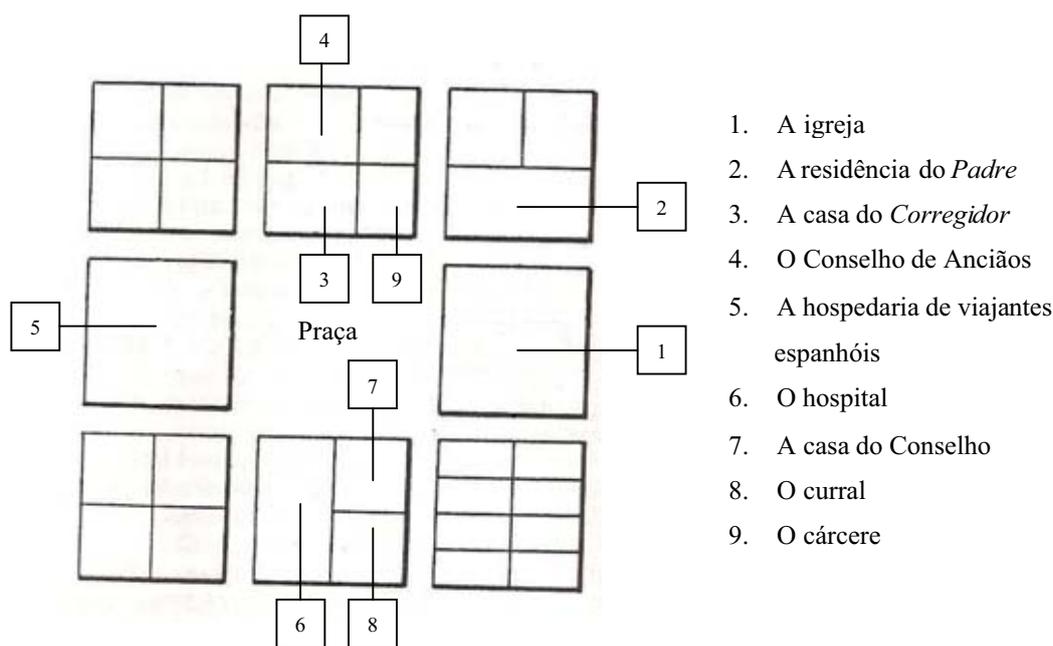


Figura 22: Esquema do povoado de índios, proposta por Juan Matienzo. Fonte: Gisbert 1988, p. 154.

Nesta organização espacial, chama atenção de Gutiérrez a importância que Matienzo dá ao *Tambo* ou casa de Hospedaria de viajantes espanhóis, concedendo um quarteirão completo adjacente à praça, que podia abarcar um enfoque de articulação das conversões dos indígenas à economia e comércio espanhol. (GUTIERREZ, 1993, p. 26).

Gisbert observa que Matienzo conseguiu parcialmente implantar seu modelo urbano dentro do meio andino. Nisto, vários povoados mantiveram suas características pré-*incaicas*. É o caso de *Chipaya*, assim como o de vários outros povoados da região, como *Viacha* e *Jesus de Macha*.

Segundo a autora, a maioria dos povos desta zona, pouco a pouco, foi-se adequando ao sistema urbano quadriculado em grelha, introduzindo em seus núcleos o conjunto de átrio e *posas*⁶, numa estrutura urbana *quadri-partida*.

Chipaya se diferencia destas formações espaciais, e correspondia, segundo Gisbert, a uma tipologia de povoado de *reminiscência pré-incaica*, estruturada por moradias unicelulares de base circular, agrupadas em dois *ayllus*, definindo uma *bipartição* em seu território. Há diferentes teorias sobre este assunto, que serão analisadas no próximo capítulo. (GISBERT, 1988, p. 144).

⁶ *Posas*, segundo Gisbert, eram pequenas construções religiosas, próprias da área andina, usadas para descansar ou *posar* representações de deuses durante as procissões. No capítulo III este conceito será tratado com mais profundidade.



Capítulo III: FORMAÇÃO DO ESPAÇO *CHIPAYA*

Este último capítulo apresenta uma análise e interpretação geral das principais teorias sobre a formação do espaço *Chipaya* no âmbito da influência do período colonial espanhol e sua relação contemporânea. Observando-se no tratamento deste assunto, não só sua organização urbana e territorial, mas também seu contexto sócio-cultural indígena e a visão de mundo próprio da região andina, com o objetivo de nos aproximarmos a uma compreensão legítima das lógicas de formação deste espaço.

A comunidade *Chipaya*, ao longo do tempo, conseguiu um notável uso de seu território que chamou a atenção de alguns estudiosos desta área, entre eles, De La Zerda (1993), arquiteto e pesquisador do *Instituto de Investigaciones da Facultad de Arquitectura y Artes da Universidad Mayor de San Andrés* (La Paz, Bolívia), e Hennings (2007), arquiteta mestre em temas urbanos e indígenas da América do Sul, na *Universidad Autónoma de México* (cidade de México, México). Seus trabalhos são referências básicas para este capítulo, acrescentando cada um deles, percepções diferentes sobre o tema.

3.1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA COMUNIDADE *CHIPAYA*

Os *Chipayas*, em seu antigo assentamento, ocuparam integralmente toda a extensão da atual salina de *Coipasa* e grande parte dos rios *Laka Jahuirá*, *Barras*, *Lauca* e *Todos Santos*.

Atualmente este território encontra-se constituído por dois cantões, *Chipaya* e *Ayparavi*; o primeiro dividido em dois *Ayllus*: *Tajata* e *Tuanta*; o segundo com um só *ayllu*, denominado *Unión Barra*. (Ver figura 23).

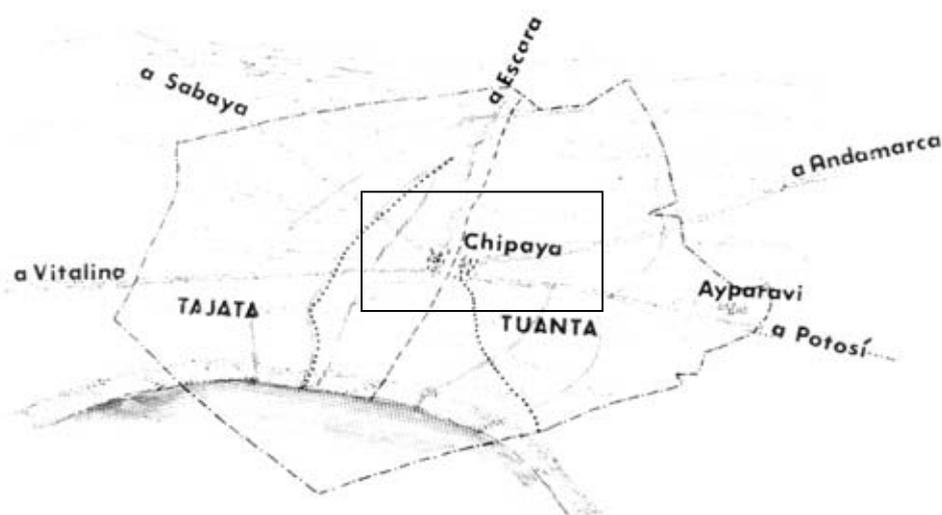


Figura 23: Representação do território *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 24.

Este território, na percepção De La Zerda, é formado por uma figura assimétrica de múltiplos lados, que considera uns 22 km. de longitude como ponto mais extremo da poligonal e 10 km. no menor, no que diz respeito a seu centro. (DE LA ZERDA, 1993, p. 23, 24).

A particularidade principal desta comunidade é o caráter de suas moradias e a organização de seu espaço em diferentes escalas, tanto urbana como territorial, ressaltando sua exclusiva forma de apropriação e manejo da região, apesar de se encontrar em um terreno áspero e inóspito, onde a horizontalidade da grande planície de areia remarca notavelmente o perfil de suas construções. (Ver figura 24).



Figura 24: Fotografia panorâmica do povoado *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 34.

Para alcançar uma efetiva compreensão do espaço *Chipaya*, é importante estabelecer de início as características morfológicas de suas habitações e a organização que estas agrupações originam em seu território. Neste sentido, De La Zerda descreve duas tipologias de moradias dentro do território *Chipaya*, que expressam uma diferenciação, mais por seu uso do que por sua forma: uma rural e outra urbana.

A primeira tipologia, denominada *Phutuku*, considerada como a mais antiga, localiza-se na área rural, em regiões de pastoreio. Possui uma forma cônica semelhante a uma colméia, construída em sua totalidade com *tepes* (blocos de terra e vegetais). Neste tipo de construções não há diferença entre parede e teto, conta apenas com uma pequena porta localizada sempre ao Leste e não leva janelas. (Ver figura 25).

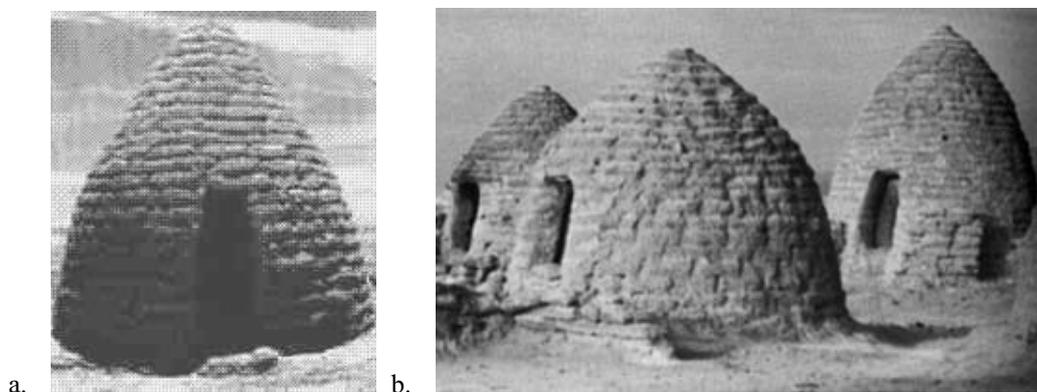


Figura 25: a.- Tipologia de moradia rural *Chipaya* denominada *Phutuku*; b.- Agrupamento de *Phutukus* na área rural *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 62, 122.

A segunda tipologia, denominada *Wallichí Koya*, localiza-se na área central do povoado, também tem forma cônica, diferenciando-se da primeira por seu sistema de cobertura, que é de palha, sustentada por arcos de *thola* (arbusto fibroso e resistente, próprio da região). Os muros, a disposição da pequena porta e a ausência de janelas, são iguais à primeira. (Ver figura 26).

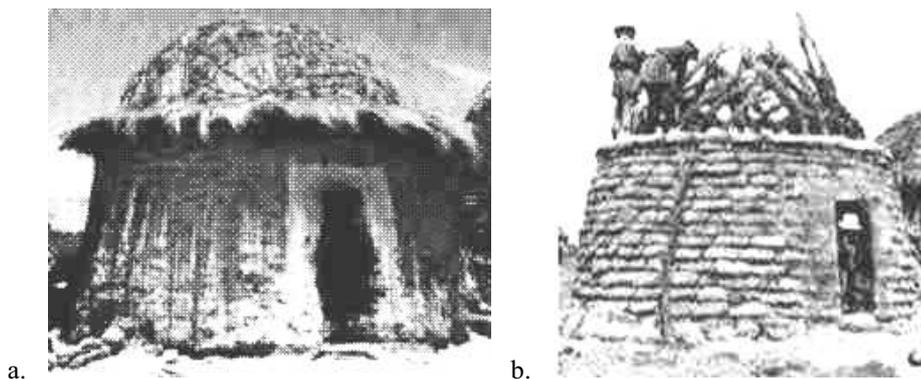


Figura 26: a.- Tipologia de moradia do centro povoado *Chipaya* denominada *Wallichí Koya*; b.- Construção de cobertura na moradia *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 64, 68.

É importante explicar, neste caso, que a organização destas moradias no centro do povoado *Chipaya*, principalmente no passado, não se realizava mediante ruas. Na descrição que faz De La Zerda, estas unidades habitacionais de base circular se reuniam por meio de baixas paredes curvas, em grupos de quatro ou cinco elementos, chegando a constituir uma malha aberta, que tinha a particularidade de receber novos componentes sem modificar seu conjunto. (DE LA ZERDA, 1993, P. 82, 133). (Ver figura 27).

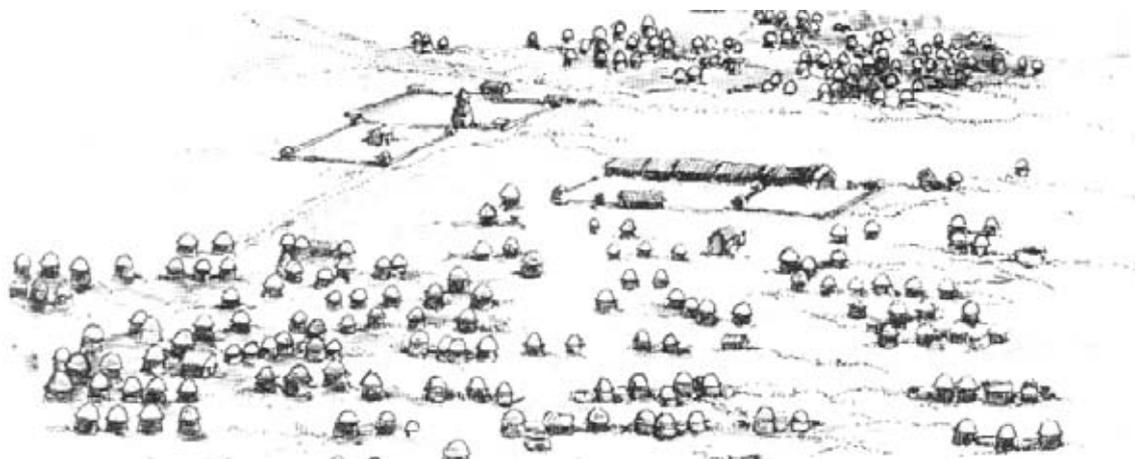


Figura 27: Configuração urbana original *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 35.

3.2. CONCEPÇÃO DO ESPAÇO *CHIPAYA*

Nas investigações realizadas dentro do IIFAA⁷, a partir de 1988 e em publicações posteriores do espaço *Chipaya*, estabelecem-se duas teorias principais a este respeito, observando-se em cada uma delas critérios distintos apresentados à continuação por Hennings.

A primeira teoria, segundo De La Zerda, citado por Hennings, estabelece que o esquema do povoado *Chipaya* encontra-se disposto em forma concêntrica. Na parte média se localiza a zona central do povoado, onde se desenvolvem as atividades de gestão, comércio, educação, saúde, moradia, etc. A partir deste centro se distribuem outras áreas, inicialmente as de pastoreio, seguidas pelas estâncias compostas por moradias rurais ou *Phutucus*, os currais para o gado e finalmente as zonas de cultivo, regadas pelo rio *Lauca*. (Ver figura 28).

1. Área central do povoado
2. Área de pastoreio (gado)
3. Área de estâncias
4. Área de cultivo

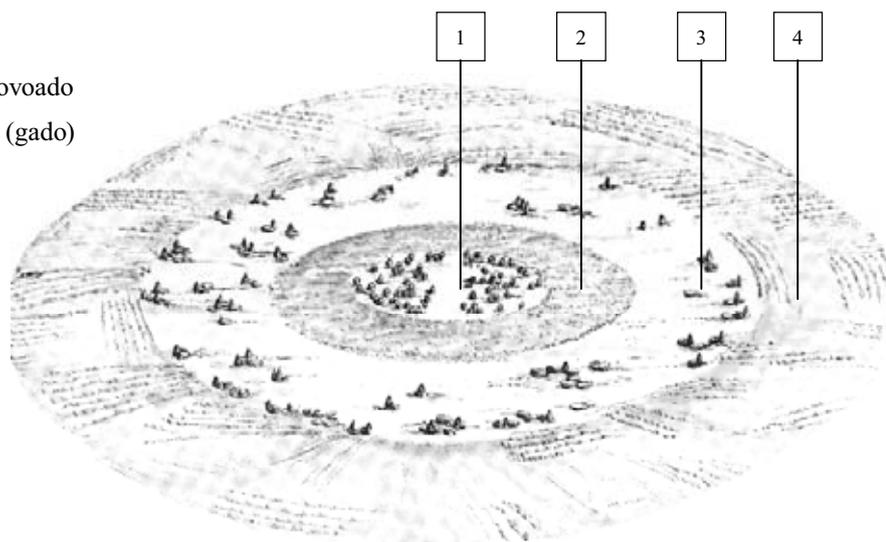


Figura 28: Esquema do povoado *Chipaya*, segundo De La Zerda. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 25.

Dentro desta lógica de organização espacial, os habitantes ocupam suas moradias segundo a época do ano e as atividades que realizam, mesmo sendo na área central ou rural. Compreende-se que havia temporadas onde as atividades de semeadura, colheita e trato do gado requeriam uma maior permanência nas estâncias, assim como os dias de feira, festas, atividades escolares e religiosas obrigavam aos habitantes a trasladar-se ao centro do povoado. (HENNING, 2007).

⁷ IIFAA, *Instituto de Investigaciones de la Facultad de Arquitectura y Artes da Universidad Mayor de San Andrés* (UMSSA), La Paz, Bolívia.

Esta estruturação e apropriação espacial não tinham nenhuma relação com os esquemas urbanos coloniais (rígidos e estruturados por um sistema de quarteirões), mas ao contrário, o autor observa nisto uma organização original do passado, produto de causas históricas, políticas, econômicas e especialmente sócio-culturais.

A segunda teoria se fundamenta no esquema de povoado *Chipaya*, levantado em 1985 por Metraux, citado por Hennings, onde a partição territorial obedecia a um sistema de organização diferente do proposto por De La Zerda. Nesta segunda formação, as moradias se agrupavam em torno de dois *ayllus*, estabelecendo duas importantes áreas fracionadas, tomando como referência um eixo principal de divisão (Norte – Sul), onde se localizava também a igreja e seu conjunto. (Ver figura 29).

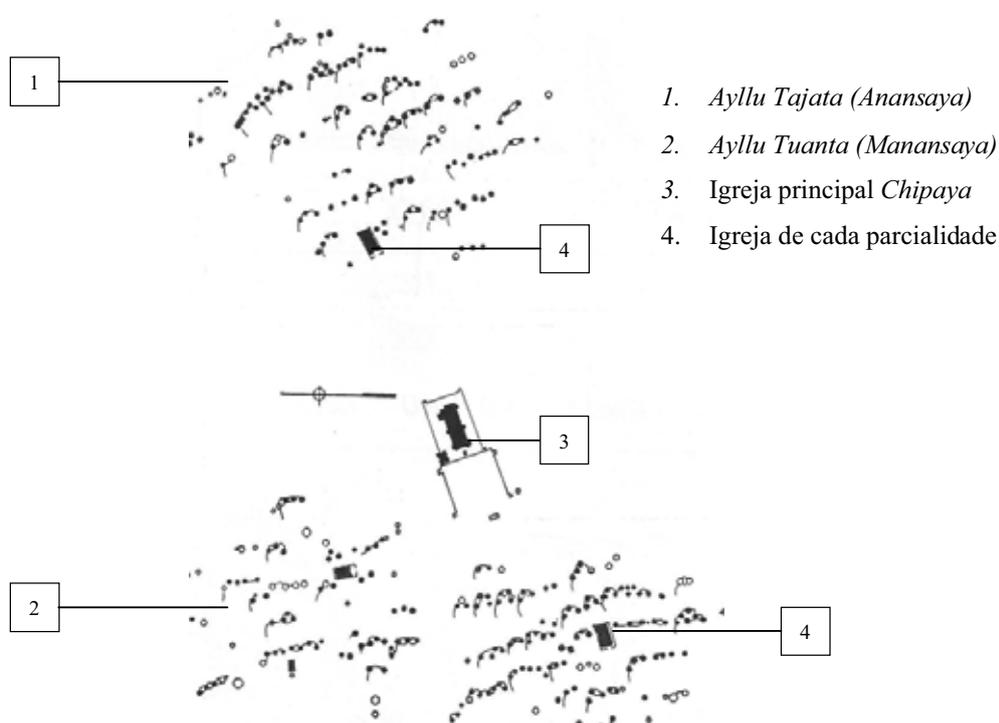


Figura 29: Esquema do povoado *Chipaya* e sua organização em parcialidades, segundo Metraux, 1935. Fonte: Gisbert, 1988, p. 131.

Estas áreas fracionadas eram denominadas parcialidades, constituídas pelos *ayllus* *Tajata* e *Tuanta*, que em *Aymara* se entendiam como *Anansaya* e *Manansaya*, respectivamente. Cada uma destas parcialidades tinha sua própria igreja, aparte da principal, localizando-se a *Tajata* ao lado Oeste e a *Tuanta* ao lado Leste. (HENNING, 2007).

Vale explicar, também, que dentro da visão *Chipaya* se estabeleciam caracterizações nominais para cada uma destas parciaisidades, segundo sua origem, referindo-se a uma delas como *povo conquistado* e a outra como *povo conquistador*. De Mesa e Gisbert, também referidos por Hennings, sobre este suposto tinham um ponto de vista diferente, afirmando que:

Não parece provável que esta seja a origem das duas parciaisidades de *Chipaya*, sendo que não conservam por tradição esta divisão tão característica de qualquer povo de *Collao*. (HENNINGS, 2007).

Por sua parte, Watchel em De La Zerda, no esquema da organização espacial *Chipaya* realizado por Metraux em 1985, mostra outro agrupamento correspondente a um terceiro *ayllu* chamado *Warata* (ou Sul). A existência deste terceiro *ayllu* leva Watchel a estabelecer a possibilidade de um quarto *ayllu*, o que suporia a hipótese de um manejo especial *quadri-partido* dentro do povoado *Chipaya*.

Esta possibilidade é negada por Pauwels⁸ na entrevista feita pelo autor em 2007. Ele sustentava a idéia de que:

Mais que uma *quadri-partição* do território *Chipaya*, pode-se perceber atualmente uma *bipartição* de seu tecido urbano, definida por uma rua principal que divide o povo em dois setores, antigamente conhecidos como *ayllus Tajata* e *Tuanta*, hoje definidos como bairros.

Achamos que esta idéia é a mais próxima da explicação sobre a formação do espaço *Chipaya*, já que encontra também coincidência com De La Zerda, quando este assinala que *o tratamento do espaço Chipaya tampouco escapava ao modelo de bipartição*. (DE LA ZERDA, 1993, p. 36). (Ver figura 30).

Nessa relação de pontos de vista, Pauwels acrescenta em sua explicação, dizendo que:

Metraux, ao referir a um terceiro *ayllu Warata*, aparentemente quis encontrar um modelo territorial relacionado ao sistema *Inca* ou a inserção do sistema *Aymara* dentro do sistema *Inca*. (Ver figuras 30 e 31).

⁸ Jilberto Pauwels, pesquisador irlandês, atual diretor do *Centro de Ecología y Pueblos Andinos* (CEPA), *Oruro*, Bolívia, e coordenador junto à Prefeitura da cidade de *Oruro* nos trabalhos de reconstrução do povo *Chipaya*.

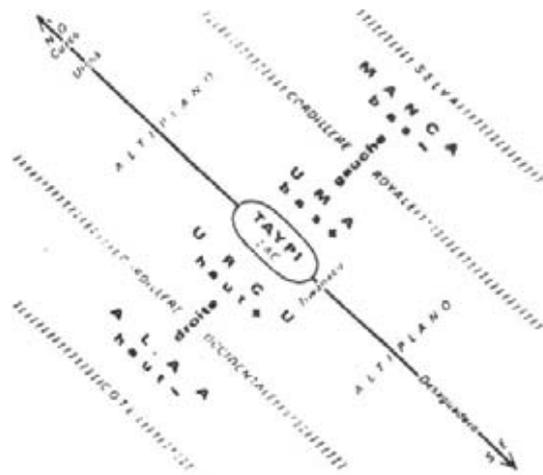


Figura 30: Representação do dualismo *Aymara*, segundo Bouysse. Fonte: Gisbert, 1988, p. 55.

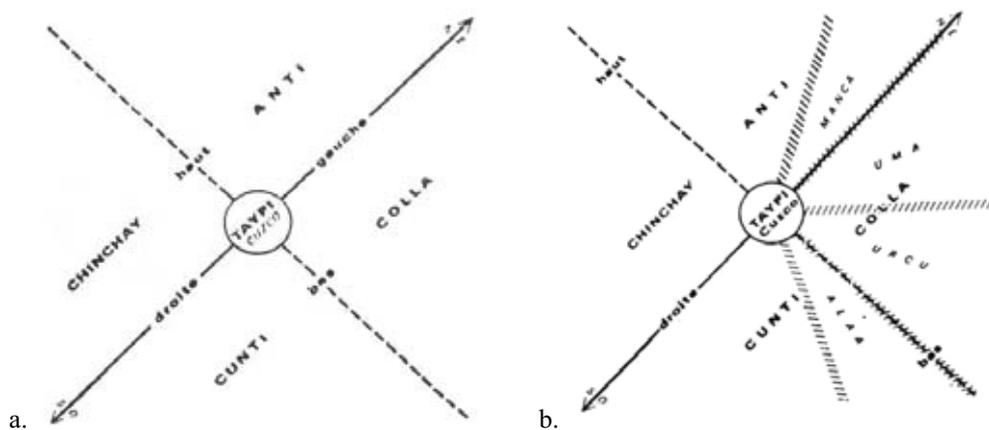


Figura 31: a.- Representação da *quatri-partição Inca*, segundo Bouysse; b.- Representação da inserção do sistema *Aymara* dentro do sistema *Inca*, segundo Bouysse. Fonte: Gisbert, 1988, p. 55.

Sobre estas diferentes posições, e com o fim de estabelecer uma maior precisão, deixa-se aberta esta discussão para estudos futuros sobre o tema, que poderão levar a uma maior complementação e documentação do exposto. Para este fim, propõe-se indagar mais em pesquisas realizadas por Teresa Gisbert e José De Mesa e em publicações do CEPA⁹ dentro da biblioteca desta mesma instituição na cidade de *Oruro*, Bolívia.

Aparte das duas teorias vistas anteriormente, sobre a organização urbana *Chipaya*, têm-se também referências da possibilidade de que no passado podia haver existido outra hipótese que abarcava um âmbito maior, a nível territorial, em relação à demarcação física deste território. Nesse sentido, de acordo com a descrição que faz Wachtel em *De La Zerda*, havia existido um sistema de *silos* ou monumentos religiosos que formavam uma

⁹ CEPA, *Centro de Ecología y Pueblos Andinos* (Oruro, Bolivia).

grande cruz na região *Chipaya*, construídos com montículos de pedras, rigorosamente dispostas em forma linear, sucedidos a distâncias aproximadas de 500 m. em um raio de 3 km. (DE LA ZERDA, 1993, p. 28). (Ver figuras 32 e 33).

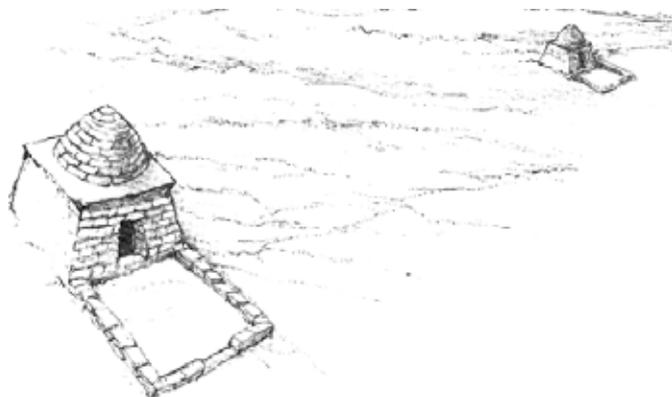


Figura 32: Construções de silos ou monumentos religiosos no território *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 29.

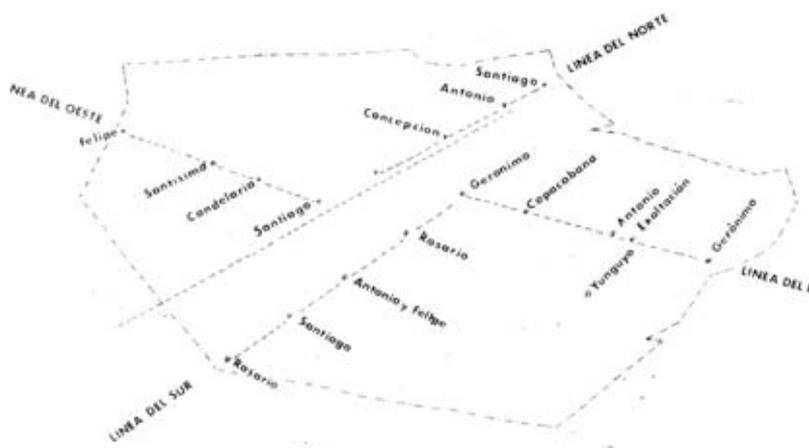


Figura 33: Cruz configurada por demarcações disposta linearmente no território *Chipaya* que haveria existido no passado, segundo Wachtel. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 28.

Deste suposto fato, fica só uma simples referência nos escritos realizados por De La Zerda (1993), pois atualmente, nos trabalhos de reconstrução do povoado *Chipaya* por parte da prefeitura do departamento de *Oruro*, em coordenação com o CEPA, não se encontram indícios concretos sobre este caso. Em conseqüência, a teoria apresentada por Wachtel abre um segundo tema de estudo que possa sustentar esta suposição.

3.3. INFLUENCIA CRISTÃ NO PERÍODO COLONIAL

Conforme Hennings, o segundo princípio de influência dentro do pensamento *Chipaya* é a visão cristã (fora da própria visão), a qual tinha que se adequar aos costumes do povo e apoiar suas tradições para se impor no tempo.

Na intenção de aproximar à compreensão desta influência, Hennings ressalta uma diversidade de tradições herdadas da visão cristã que se levaram a cabo.

Neste caso específico, a igreja se constituía como ponto de confluência destas duas visões, uma indígena e outra colonial. Esta edificação se complementava com outros elementos próximos a ela, estruturando, assim, um conjunto arquitetônico relevante dentro do povoado. (HENNING, 2007).

A igreja (século XVIII) tem uma localização estratégica, já que se encontra no centro do povoado. Ela se compõe de uma capela principal de planta retangular com cobertura de duas águas e uma torre alta. (Ver figuras 34 e 36).

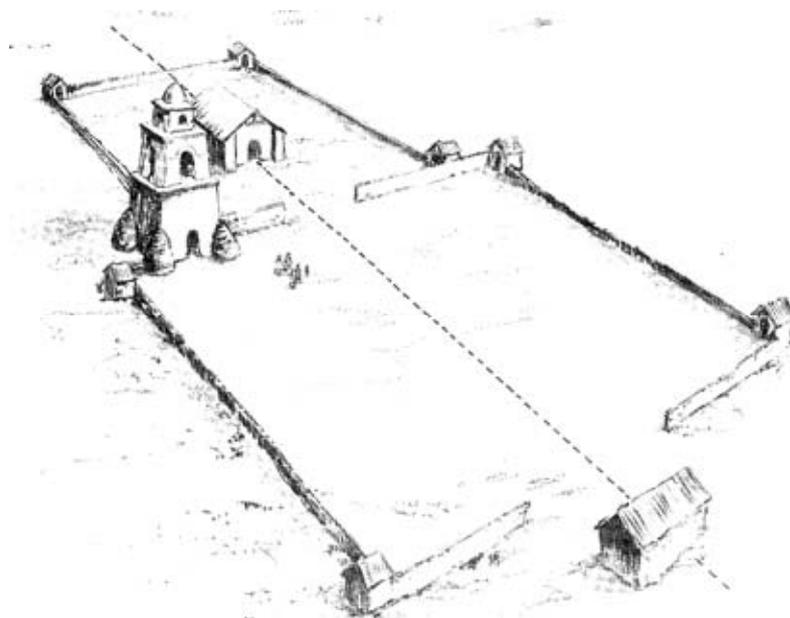


Figura 34: Igreja e seu conjunto (*posas*, *oratórios* e torre). Fonte: De La Zerda, 1993, p. 38.

Compreende-se que naquela época existiam dois espaços exteriores complementares à igreja, constituídos por uma área aberta com quatro *posas* que a rodeavam, uma em cada esquina. Estas *posas* eram pequenas construções que se utilizavam para descansar ou *posar* representações de deuses durante as procissões.

Seguindo à primeira área, encontrava-se uma segunda de maior tamanho, compreendida como *praça*, formada por outras pequenas construções em suas esquinas, igual à primeira, denominadas neste caso como *oratórios*. Diz-se que, antigamente, na *praça*, realizavam-se distintos tipos de reuniões do povo.

As *posas*, citadas anteriormente, eram estruturadas em planta quadrada, coberta com duas águas e com um simples teto de palha. O ingresso a estas era através de um arco que, segundo Hennings, era de influência espanhola. (Ver figura 35).

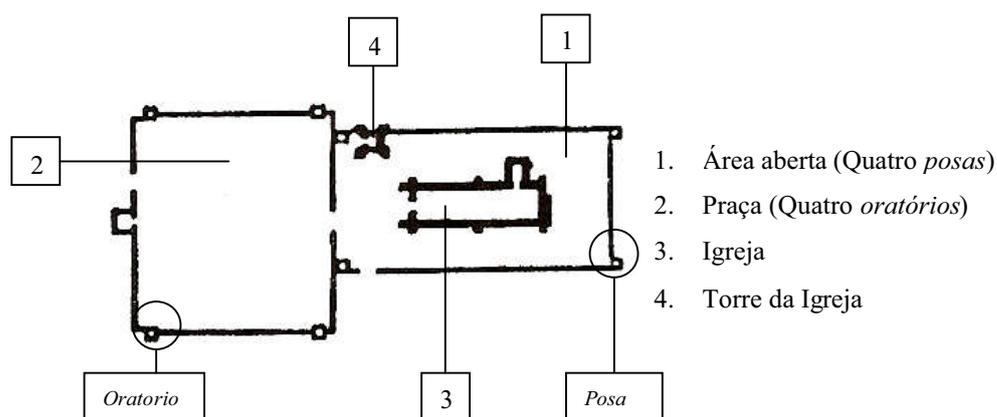


Figura 35: Planta da igreja e seu conjunto, seus dois espaços principais. Fonte: Gisbert, 1988, p. 55.

A torre, como último elemento dentro do conjunto da igreja, é até hoje uma construção de adobe, estruturada em três níveis com quatro contrafortes em sua base e uma cúpula que a arremate. Hennings relaciona esta característica morfológica às próprias construções indígenas. (Ver figura 36).



Figura 36: a.- Igreja e sua torre atual; b.- Localização da igreja na estrutura urbana atual *Chipaya*. Fonte: Google Earth, 2007.

3.4. ESPAÇO *CHIPAYA* ATUAL, ORGANIZAÇÃO URBANA E RURAL

A estruturação *Chipaya*, descrita por Montecinos (1999), atualmente corresponde a um esquema concêntrico, onde a zona de produção está separada das atividades urbanas do povoado.

O centro urbano *Chipaya* está rodeado por um primeiro anel, onde se localiza a zona de pastoreio; seguido por um segundo anel, onde se encontram as moradias rurais, os currais para gado, alternando com zonas de cultivo.

Nesta paisagem urbana se percebe volumes prismáticos diferentes das tipologias das construções originais, devido a influências externas contemporâneas, sobretudo sociais e econômicas. (Ver figura 37).



Figura 37: Paisagem urbana atual *Chipaya*. Fonte: De La Zerda, 1993, p. 32.

O centro urbano está organizado em grelha, mantendo-se do esquema original a separação entre as parcialidades *Tajata* e *Tuanta*. Esta divisão se define, hoje, por uma rua principal de 10 m. de largura, que continua prolongando-se por todo o território de Norte a Sul. (Ver figuras 38 e 39).



Figura 38: Território atual *Chipaya*: área urbana e área rural. Fonte: Google Earth, 2007.

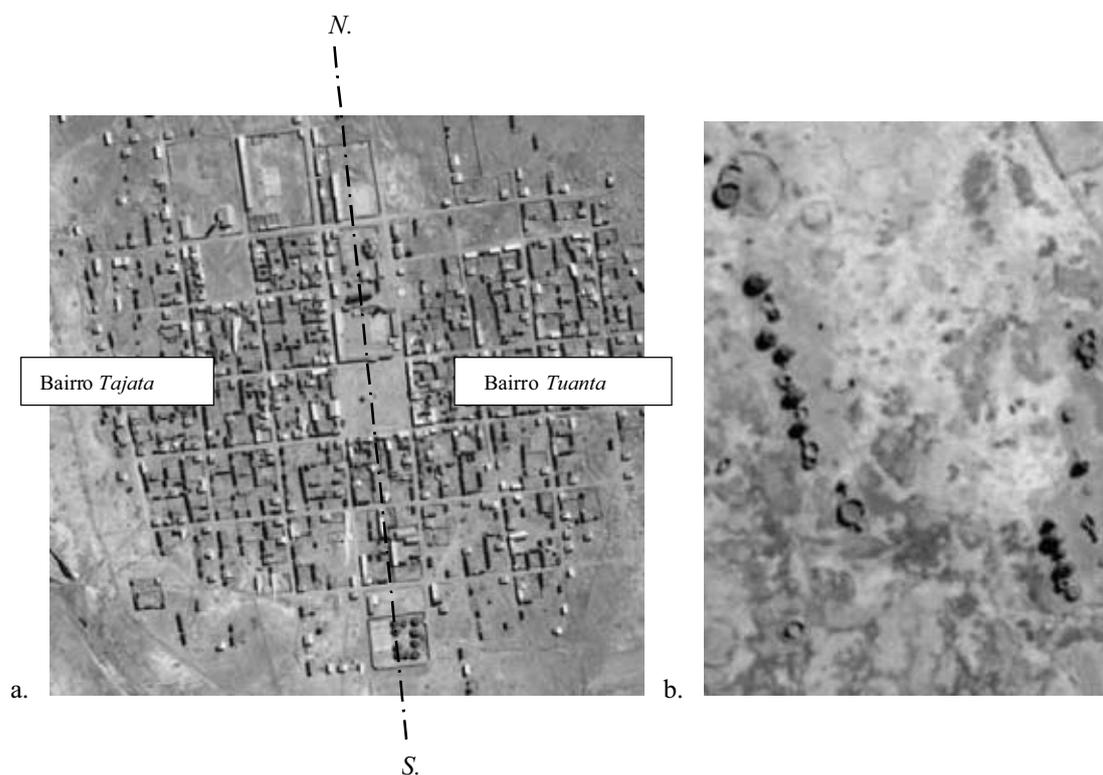
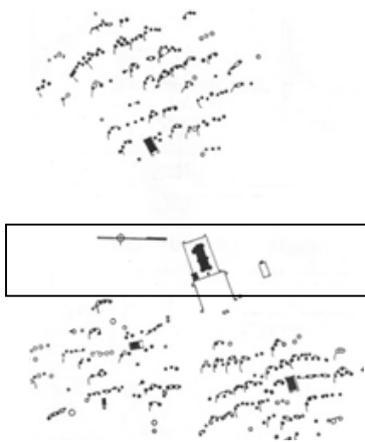


Figura 39: a.- Área urbana atual *Chipaya* (*Santa Ana de Chipaya*); b.- Área rural atual *Chipaya*. Fonte: Google Earth, 2007.

Entre os edifícios de importância, atualmente, têm-se a igreja e sua torre, ambos reconstruídos. Segundo Montecinos, a partir da destruição destes elementos principais, iniciou-se o processo de destruição da estrutura original pré-hispânica de *Chipaya*. (MONTECINOS 1999, p. 10, 11).

Na análise apresentada até aqui, compreende-se que o espaço *Chipaya* estabelece no tempo duas caracterizações principais no processo de formação de seu território. Uma *original* e outra aparentemente *contemporânea*, ambas de alguma maneira relacionadas com sua visão de mundo em relação a seu espaço. (Ver figuras 40 e 41).

Das duas teorias encontradas e explicadas, vemos que a de Metraux é a mais próxima do esquema *Chipaya* inicial, enquanto que a de De La Zerda se relaciona mais à estrutura urbana atual, sobretudo por seu caráter morfológico.



Esquema do povoado *Chipaya*, segundo Metraux, 1935. Fonte: Gisbert, 1988.

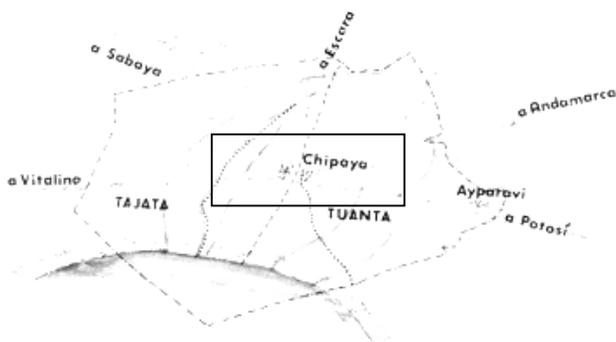


Fonte: De La Zerda, 1993.

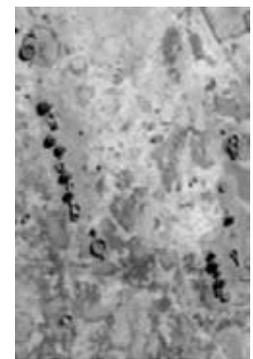


Fonte: De La Zerda, 1993.

Figura 40: Características físicas relevantes do espaço *Chipaya* inicial.



Representação do território *Chipaya*.
Fonte: De La Zerda, 1993.



Fonte: Google Earth, 2007.



Fonte: De La Zerda, 1993.

Figura 41: Características físicas relevantes do espaço *Chipaya* contemporâneo.



CONCLUSÕES

Acreditamos ter conseguido responder às interrogações iniciais que motivaram o desenvolvimento deste estudo sobre o *Espaço Andino*, e que teve como objeto de análise a comunidade *Chipaya*. Baseada em três questionamentos principais: compreender a visão que organiza este espaço, o conceito que possui, e os elementos próprios que o constituem.

Segundo Quispe C. (2007), a visão andina influencia a comunidade *Chipaya*, e entende que o universo é uma *Totalidade*, que interage com todas e cada uma das suas partes. Diz-se também, que cada um destes elementos reflete a esta *Totalidade*. Neste sentido, esta visão de mundo estabelece que dentro do universo nada está solto e que todos os seus componentes se relacionam uns com os outros, interagindo intimamente de diversas maneiras. (Ver figura 42).



Figura 42: Esquema conceptual da visão andina que influencia a comunidade *Chipaya*.

Este conceito nos leva a estabelecer uma definição do *Espaço Chipaya* que se baseia em uma idéia ampla. Pois, acredita-se que o *Espaço Chipaya* é a confluência de três componentes que o formam: o *natural* (seu ecossistema), o *construído* (moradias e áreas de produção) e o *social*. Vemos que este último é o mais importante, referido ao homem, sua família e seu *ayllu* ou grupo social, neste se encontram seu pensamento, seus costumes e forma de vida. (Ver figura 43).

O *social* define o caráter particular e íntimo de cada comunidade indígena nesta região. Como no caso *Chipaya*, em que a organização social, principalmente na etapa inicial, refletia-se claramente sobre a formação urbana de seu espaço construído a nível local.

Percebemos, também, que, sem o *social*, o espaço dentro do meio andino seria uma concepção incompleta, sem significado em sua organização territorial, sem identidade em seu grupo humano e sem limites em seu território, dentro de um extenso altiplano.

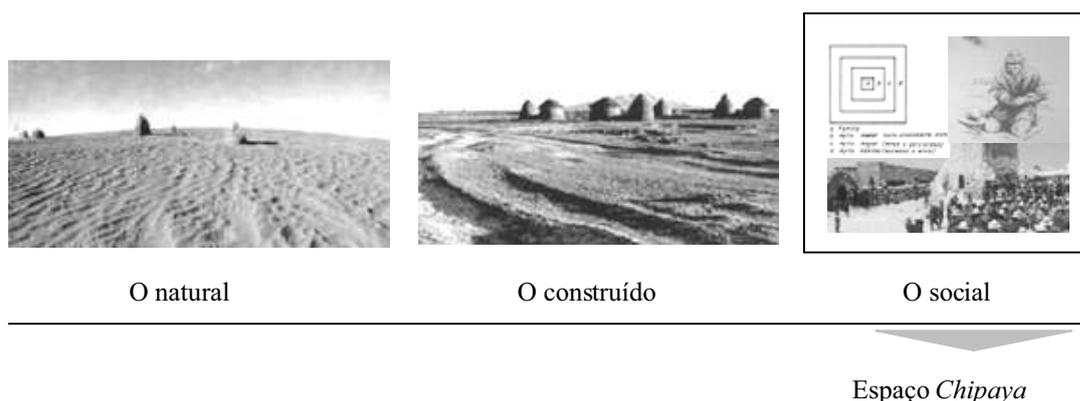


Figura 43: Componentes que formam o espaço *Chipaya*.

Os elementos urbanos próprios e representativos deste grupo indígena são suas moradias, que exibem formas cônicas de traços simples, e que no passado se encontravam dispersas em sua região. Restando poucas edificações atualmente, por causa da transformação urbana que sofreu esta povoação no decorrer do tempo. (Ver figura 44).

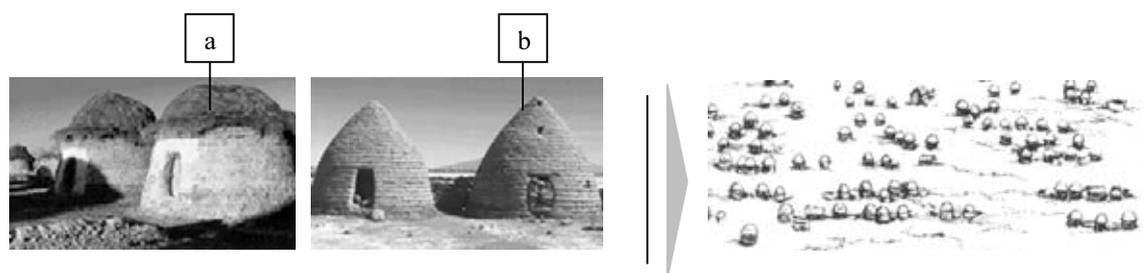


Figura 44: Elementos próprios da comunidade *Chipaya*: (a) *Wallichí Koya* e (b) *Phutuku*.

No esquema do povoado antigo, destaca-se a localização da igreja junto a seu conjunto, que se entende como a única influência colonial neste meio.

A igreja, neste caso, é considerada como elemento de *referência*, e não como *área estruturante geométrica* do esquema urbano *Chipaya*. Contrariamente à idéia do urbanismo espanhol, que formava seus espaços por meio de uma *área principal concêntrica*, denominada *Praça Maior*, da qual surgia seu tecido urbano composto por quarteirões e ruas.

Das duas teorias estudadas sobre a organização espacial *Chipaya*, acredita-se que a mais próxima ao espaço primitivo *Chipaya* é a de Metraux, por expressar de forma clara a configuração e manejo de elementos urbanos próprios do período *pré-incaico* e sua estrutura territorial *bipartida*, que formava os *ayllus Tajata* e *Tuanta* (atualmente considerados como bairros). Aspecto que era definido como de influência *Aymara*, e que tomava como ponto de referência para este fracionamento um eixo teórico que atravessava a igreja e a região.

Esta estruturação de *espaço central* se relacionava ao significado do *Taypi*, conceito indígena que representava o centro, não como ponto geométrico, mas como *símbolo* ou *referência*, entendendo-se também como *lugar de convivência*, onde no passado se efetuavam reuniões de todo o povo. (Ver figuras 45 e 46).

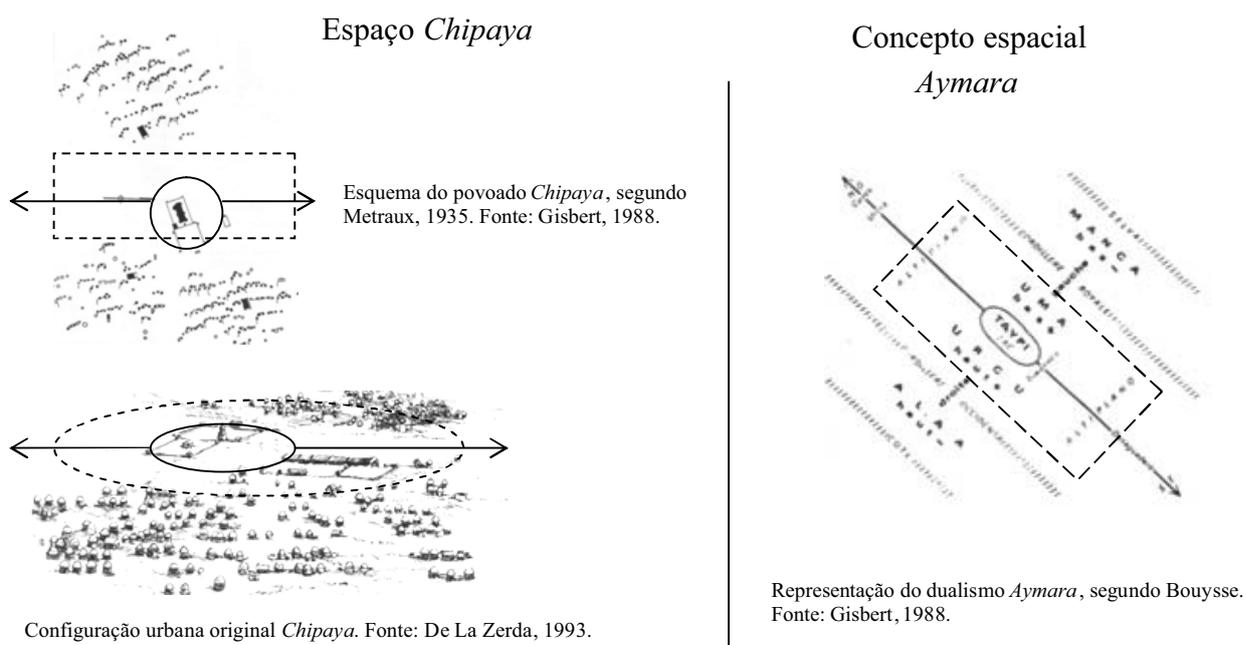


Figura 45: Explicação gráfica do conceito andino *Taypi*, relacionado ao *espaço central Chipaya*.

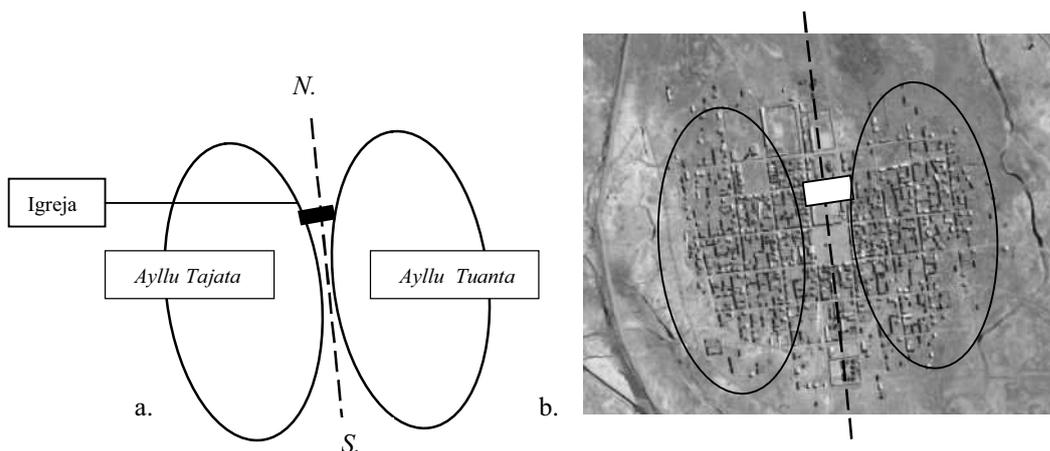


Figura 46: a.- Esquema bipartido *Chipaya*, segundo Metraux; b.- Povoado *Chipaya* atual e a sobreposição do esquema espacial proposto por Metraux. Fonte: Google Earth, 2007.

Por outra parte, a teoria apresentada por De La Zerda, de um esquema concêntrico do povoado, compreende-se que tem uma proximidade à estrutura urbana colonial espanhola e contemporânea *Chipaya*, desde um ponto de vista morfológico urbano. Estes dois esquemas mostram uma área comum concêntrica, em ambos casos definidas como *Praça Maior* ou *Principal*, das quais nascem suas estruturas urbanas, que no caso espanhol se formava por quarteirões, diferentemente do espaço *Chipaya*, o qual De La Zerda descreve como uma disposição de moradias unicelulares dispersas. (Ver figura 47 e 48).

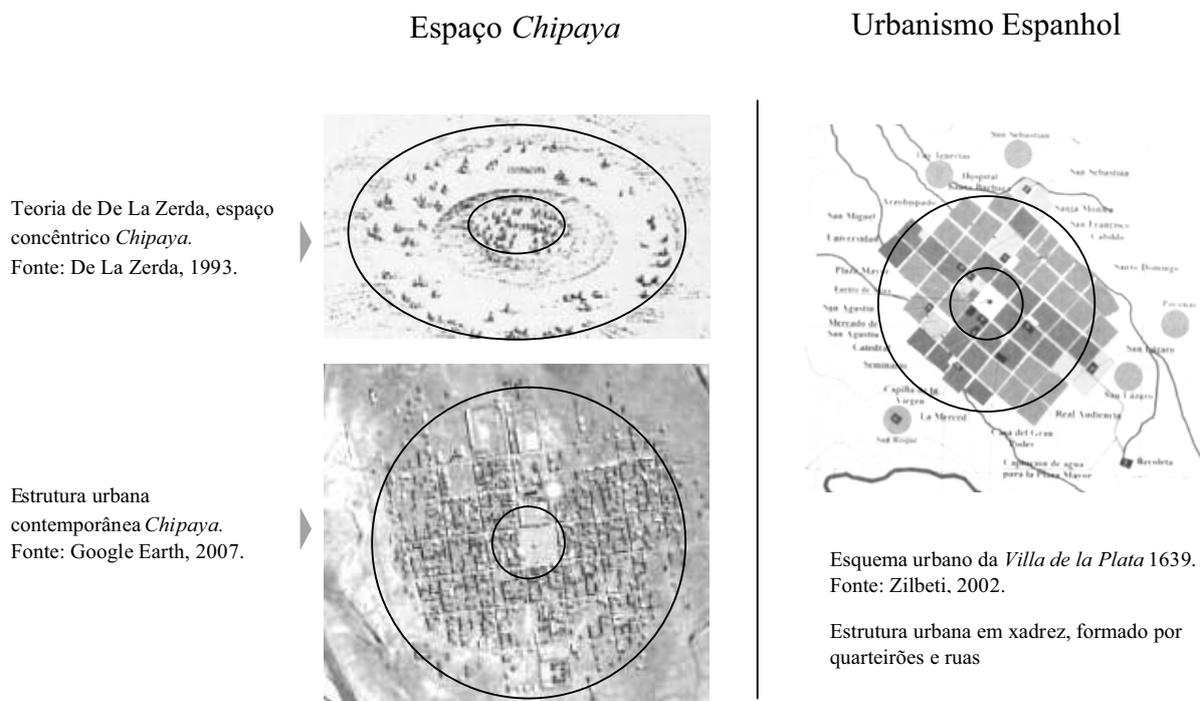


Figura 47: Relações morfológicas urbanas entre o espaço *Chipaya* e espaço urbano espanhol.

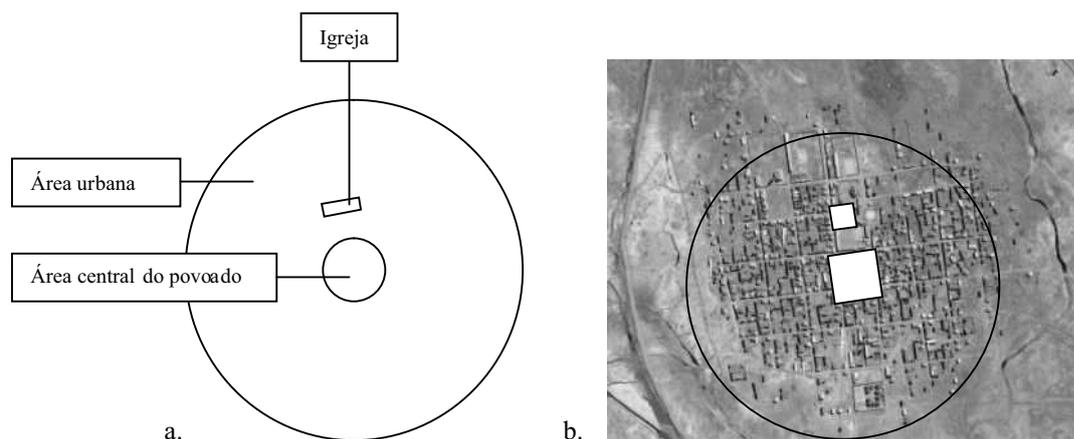


Figura 48: a.- Esquema concêntrico *Chipaya*, segundo De La Zerda; b.- Povoado *Chipaya* atual e a sobreposição do esquema espacial proposto por De La Zerda. Fonte: Google Earth, 2007.

Finalmente, espera-se que este trabalho tenha contribuído para uma melhor compreensão e valorização do *Espaço Andino* e *Chipaya*, que ostentam um pensamento e percepção complexo e profundo de seus mundos.

Neste sentido, entende-se que ainda há muito por pesquisar sobre esta matéria. Achamos importante mencionar sobre os dois temas que foram deixados em aberto para um tratamento mais profundo em futuros estudos, baseadas nas hipóteses de Watchel sobre o território *Chipaya*, referente à existência de um terceiro *ayllu* e à demarcação de uma grande cruz nesta região. Aspectos importantes que poderiam contrapor as teorias apresentadas nesta análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBO, Javier. *Desafíos de la sociedad Aymara* - Cuadernos de investigación N° 25, La Paz (Bolivia), Alentar Ltda, 1985.

CRIVELARO, Lara. *Guia prática de monografias, dissertações e teses: Elaboração e apresentação*, Campinas – SP (Brasil), Alínea, 2004.

DELGADILLO, Julio. *Nación de los Urus - Chipaya 1984*, Oruro (Bolivia), CEDIPAS – Centro Diocesano de Pastoral Social, 1998.

DUPAS, Maria. *Pesquisando e normalizando*, São Paulo (Brasil), Universidade Federal de São Carlos, 2004.

ESCALANTE, Javier. *Arquitectura prehispánica en los andes bolivianos*, La Paz (Bolivia), CIMA, 1995.

ESCOBARI, Laura. *Pueblos de Indios: Poblados de Indios dentro de poblados españoles, el caso de La Paz y Potosí*, Buenos Aires (Argentina), IGHI - CONICET, 1993.

GISBERT, Teresa. *Historia de la vivienda y los asentamientos humanos en Bolivia*, Cidade de México (México), Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1988.

GISBERT, Teresa; DE MESA, José. *Arquitectura andina: Historia y análisis*, La Paz (Bolivia), Embajada de España, 1985.

GOMEZ, Donato. *Diccionario Aymara*, La Paz (Bolivia), ABOLENA, 1997

GUERRA, Alberto. *Chipaya – Un enigmático grupo social*, Oruro (Bolivia), LILIAL, 1990.

GUTIERREZ, Ramón. *Pueblos de Indios: Las reducciones indígenas en el urbanismo colonial – Integración cultural y persistencias*, Buenos Aires (Argentina), IGHI – CONICET, 1993.

MILLA Euribe, Zadir. *Introducción a la semiótica del diseño andino precolombino*, Lima (Perú), Asociación de Investigación y Comunicación Cultural Amaru Wayra, 1990.

MILLA Villena, Carlos. *Ayni*. Lima (Perú), 1997. (Xerox sim dados de editorial)

MOLINA, Ramiro. *Memorias e identidades: Los Aymaras y los Urus del sur de Oruro*, La Paz (Bolivia), SIERPE, 2006.

MONTECINOS, Carmen. *Alternativas de la vivienda Chipaya*, Oruro (Bolivia), Facultad de Arquitectura – Universidad Técnica de Oruro, 1999.

PAUWELS, Jilberto. *Carangas en el año 1910: El informe de Zenón Bacarreza*, Oruro (Bolivia), Jauzel. 1997.

PAUWELS, Jilberto. *Los últimos Chullpas: Alfredo Metraux en Chipaya*, Oruro (Bolivia), Jauzel. 1998.

QUISPE, Calixto. *Pacha: Espiritualidades originarias*, Cochabamba (Bolivia), Verbo Divino, 2007.

QUISPE, Juvenal. *Ecosofía Andina: Instituciones ecológicas en la filosofía Andina*, Cochabamba (Bolivia), Verbo Divino, 2006.

DE LA ZERDA, Jorge. *Los Chipayas: Modeladores del espacio*. La Paz (Bolivia), IIFA – UMSA, 1993.

ZILBETI, Juan. *Evolución urbana de la ciudad de Sucre*, Sucre (Bolivia), Qori Llama, 2002.

Fontes eletrônicas (Portais)

BOLÍVIA. Disponível em:
http://es.wikipedia.org/wiki/Bolivia#Gobierno_Departamental. Acesso em: 2 de maio 2008.

DURSTON, Alan. *El proceso reduccional en el sur andino: Confrontación y síntesis de sistemas espaciales*. Disponível em:
http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/publicaciones/revista_indigena/electronica/n4/durston.pdf. Acesso em: 17 de maio 2007.

CULTURA DE BOLIVIA. Disponível em:
http://es.wikipedia.org/wiki/Bolivia#Gobierno_Departamental. Acesso em: 18 de maio 2008.

DEPARTAMENTO DE ORURO. Disponível em:
http://es.wikipedia.org/wiki/Departamento_de_Oruro. Acesso em: 2 de abril 2008.

HENNINGS, Vania. *Identidad de los pueblos – Una aproximación milenaria: Los Chipayas*. Disponível em:
<http://www.architecthum.edu.mx/Architecthumtemp/ensayos/chiyapas.htm>. Acesso em: 13 de maio 2007.

MAMANI, Pedro. *Territorio y ayllu*. Disponível em:
<http://qollasuyu.indymedia.org/es/2003/03/51.shtml>. Acesso em: 10 de dezembro 2007.

ORURO, PROVINCIA ATAHUALLPA. Disponível em:
<http://www.aguabolivia.org/situacionaguaX/Riego/mapas/oruro/atahuallpa.htm>. Acesso em: 2 de abril 2008.

PUEBLOS ORIGINÁRIOS. Disponível em:
<http://www.pizarra.edu.bo/index.php/Oruro/PUEBLOS/ORIGINARIOS>. Acesso em: 2 de abril 2008.

SORDO, Emma. *Las reducciones en Potosí y su carácter urbano*. Disponível em:
<http://147.96.1.15/BUCM/revistas/ghi/11328312/articulos/RCHA9595110231A.PDF>. Acesso em: 20 de maio 2007.

VIRREYNATO DEL PERÚ. Disponível em:
http://es.wikipedia.org/wiki/Virreynato_del_Per%C3%BA. Acesso em: 20 de maio 2007.